

COMPONENTE CURRICULAR : FILOSOFIA

2ª. série

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS

PROFESSOR: FÁBIO LUIZ DE ALMEIDA MESQUITA

OBJETIVOS:

- 1) Ampliar os estudos do componente curricular a partir de duas temáticas filosóficas: (1) teoria do conhecimento/epistemologia (2) Ética: liberdade, educação, emancipação, liberdade e felicidade. Tais temas são tratados de modo interdisciplinar, principalmente com Sociologia e Ensino Religioso, visando a formação de um ser humano mais crítico e com uma consciência mais integral.

COMPETÊNCIAS DA ÁREA (MATRIZ DE REFERÊNCIA DO ENEM)

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM 2011

Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias

H1 - Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

H2 - Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.

H3 - Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos

H4 - Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

H5 - Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

H11 - Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

H13 - Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

H14 - Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

H15 - Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.

H16 - Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

H22 - Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

H23 - Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

H24 - Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

H25 - Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

EIXO ESTRUTURANTE DA ÁREA

FENÔMENO: HUMANO E SOCIAL

O conceito fenômeno é compreendido pela filosofia de diversas maneiras, respeitando-se tempo e espaço de sua elaboração. Como exemplo, citamos Descartes (*Principia Philosophiae*, 1644, III, 4), Bacon (*De interpretatione naturae proemium*, 1603), Galileu (*Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo*, 1624) e Hobbes (*De corpore*, 1655, 25, parág. 1) que conceberam o fenômeno como sinônimo de aparência, daquilo que é observável, que pode ser visto, objetos sensorialmente percebidos. De modo distinto, em Kant, o fenômeno é dado como oposto a coisa em si, essência incognoscível do mundo (númeno). Na filosofia kantiana, tal conceito não se restringe àquilo que se manifesta, mas é aquilo que se manifesta ao homem nas condições limitativas de seu próprio conhecimento (tempo, espaço e categorias do intelecto). Tudo aquilo que extrapola tais limites e não possui relação entre o sujeito e o objeto recai no campo da mera especulação filosófica.

Nesse cenário complexo e conflitante, faz-se necessário especificar o que entendemos por fenômeno e explicar a razão dele ser o nosso eixo estruturante. Nosso ponto de apoio se encontra na filosofia contemporânea, em Husserl (*Investigações lógicas – 1900-1901*), que define o fenômeno não só como o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência. Desse modo, enquanto eixo estruturante, o fenômeno é compreendido de modo fenomenológico, ou seja, os fenômenos são objetos revelados, manifestos e devem ser estudados levando em consideração sua essência, em si mesmos. Merleau-Ponty (*Phénoménologie de la Perception, Preface*, 1945) define a fenomenologia como “o estudo das essências, e todos os problemas, segundo a fenomenologia, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade (particularidade).”

Por essa razão, tratar o eixo estruturante de nossas disciplinas com a palavra “fenômeno”, especificamente, o “humano” e o “social”, é lançar luz aos estudos dos conhecimentos que se fazem presentes nos fatos manifestos e, ao mesmo tempo, às essências daquilo que nos aparece. Nosso foco será os fenômenos humanos e

sociais, isto quer dizer, analisaremos temas como ciência, estética, lógica, cultura, antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, história, religião, mitologia, natureza etc. Não nos restringimos ao mero aparente, pois se fizéssemos isso nos reduziríamos àquilo que se manifesta. Vamos além disso. Preocupamo-nos em conhecer o mundo por aquilo que nos é dado como fato religioso, social e filosófico, mas não apenas isso, queremos, principalmente, investigar a essência, aquilo que não está posto, não manifesto e que possui importância fundamental na compreensão de si próprio, do outro e do mundo.

SUMÁRIO

- 1 – Apresentação do curso.
- 2 – Fundamentos da filosofia – eixos temáticos e conteúdos
- 3 – Planejamento das aulas
- 4 – Texto 1 – **O que o utilitarismo é, in *Utilitarismo*, de John Stuart Mill**
- 5 – Texto 2 – **Lei fundamental da razão pura prática, in *Crítica da Razão Prática (1788)*, de Immanuel Kant.**
- 6 – Texto 3 – ***O mal-estar na civilização***, Capítulo V, **Sigmund Freud**.
- 7 – Texto 4 – ***Assim falava Zaratustra***, Prólogo (partes I-X), **Nietzsche**.
- 8 – Exercícios de vestibulares e ENEM
- 9 – Relatórios e aula – apontamentos

APRESENTAÇÃO

Filosofia na 2ª. Série:

Esse curso de Filosofia tem como objetivo central introduzir os alunos da 2ª; série do EM na Filosofia, a partir de dois grandes eixos temáticos: TEORIA DO CONHECIMENTO/EPISTEMOLOGIA (1º. Trimestre) E ÉTICA (Liberdade, educação e emancipação – 2º. Trimestre e Felicidade 3º. Trimestre). Queremos mostrar que a filosofia está viva, faz parte do nosso dia-dia e nos ajuda a pensar sobre o que acontece ao nosso redor. Esses temas filosóficos serão explorados a fim de que o aluno, no final do ano, tenha explorado o universo, a natureza, a cultura, “o mundo” em que vive; pensado sobre a construção de sua própria identidade e refletido sobre sua relação com o próximo.

Ao mesmo tempo em que exploramos esses temas iremos conhecer a história da filosofia moderna e contemporânea, por isso refletiremos sobre os pensamentos dos seguintes filósofos:

- René Descartes (Racionalismo)
- John Locke (Empirismo)
- David Hume (Empirismo e Ceticismo)
- Immanuel Kant (Crítico – Teoria do Conhecimento e Ética do Dever)
- Jean-Paul Sartre (Existencialismo)
- Theodor Adorno (Escola de Frankfurt)
- Max Horkheimer (Escola de Frankfurt)
- **Immanuel Kant e Stuart Mill (Ética do Dever e Utilitarismo)**
- **Arthur Schopenhauer (Teoria da Vontade e Ética da Compaixão)**
- **Friedrich Nietzsche (Gênese das morais)**
- **Sigmund Freud (Psicanálise)**

Blog: <https://fabioemesquita.wordpress.com/>

E-mail: fabio.mesquita@saoluis.org

2ª. série

FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA – EIXO TEMÁTICO E CONTEÚDOS

1º TRIMESTRE

TEORIA DO CONHECIMENTO (“fenômeno: humano e social” específico da série)

Validar todo o conhecimento humano, todos os fenômenos possíveis e existentes, eis a tarefa desta área filosófica. Os problemas apresentados são de elevada magnitude, pois caso não sejam respondidos, coloca-se em xeque todos os conhecimentos possíveis. Nesse sentido, todos os fenômenos, todos os componentes curriculares, todo o conhecimento humano produzido até hoje, pode ser foco de engano, ilusão e erro. A epistemologia ou teoria do conhecimento é responsável em apresentar as etapas e limites do conhecimento, especificamente, nas relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerte, as duas polaridades tradicionais do processo cognitivo. Sabe-se que a teoria do conhecimento surge de modo autônomo na Idade Moderna, a partir das indagações metafísicas de Descartes, Locke, Hume, todos mergulhados no conflito entre racionalistas, empiristas e céticos. Esses debates culminaram na crítica da razão produzida por Kant no século XVIII.

2 e 3º.º TRIMESTRE

ÉTICA: educação, emancipação, liberdade e felicidade. (“fenômeno: humano e social” específico da série)

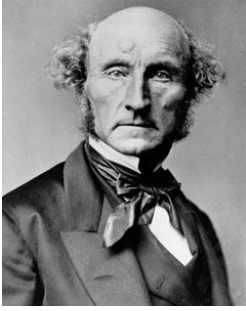
A convivência em sociedade é uma necessidade humana, no entanto, ninguém nasce sabendo como se portar moralmente, o certo e o errado a fazer. Por isso, é necessário se aprender a viver em sociedade. É essencial que no nosso processo de formação consigamos superar o egocentrismo e construir um ser humano mais compassivo e empático. Com o objetivo de educar as novas gerações, é comum e problemático desenvolvermos técnicas de doutrinação, as quais não geram autonomia e reflexão crítica. Embora na fase da heteronomia as crianças necessitem de regras que vêm de fora, aos poucos é preciso abrir espaços de discussão e clarificação de valores, de modo a estimular o processo de adesão pessoal às normas, que permitirão o exercício futuro da autonomia na vida adulta.

Nesse sentido, enquanto estudo de fenômenos sociais, a ética nos auxilia no entendimento de nós mesmo inseridos num mundo plural, multi-moral, repleto de valores, regras de convivência, normas, leis etc. Compreender a estrutura desse mundo, suas conexões, relações de causa e efeito a partir da ação moral, é o foco central de investigarmos essa especificidade de nosso eixo estruturante. Vale destacar que um dos quatro objetivos da LDB 9393/96 para o Ensino Médio é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Por essa razão, nota-se que a ética, entendida como parte do nosso eixo estruturante “Fenômeno: Social e Humano”, perpassa por vários temas, conceitos e conteúdos

essenciais da filosofia, conseguindo se integrar com outros componentes curriculares, especificamente história, geografia, literatura, sociologia e ensino religioso. Sendo assim, conceitos transversais serão explorados pela filosofia durante a série, podendo ser, ao mesmo tempo, contemplados por outras áreas do conhecimento. Vale destacar os conceitos a que nos referimos: epistemologia, racionalismo, empirismo, iluminismo (esclarecimento), ceticismo, criticismo, indústria cultural, cultura de massa, razão instrumental, sociedade unidimensional, contracultura, autonomia, heteronomia, liberdade, responsabilidade, contingência, angústia, existência, essência, igualdade, felicidade, imperativo categórico, cosmopolitismo, vontade, inconsciente e psicanálise.

PLANEJAMENTO DAS AULAS – Uma aula semanal

Aula 1 – Ética do Dever em Kant e o imperativo categórico Vs. Ética utilitarista de Stuart Mill
Aula 2 – Ética do Dever em Kant e o imperativo categórico Vs. Ética utilitarista de Stuart Mill
Aula 3 – Ética do Dever em Kant e o imperativo categórico Vs. Ética utilitarista de Stuart Mill
Aula 4 – Ética do Dever em Kant e o imperativo categórico Vs. Ética utilitarista de Stuart Mill
Aula 5 – Freud e o Mal estar da civilização – A Impossibilidade em ser feliz na civilização.
Aula 6 – Freud e o Mal estar da civilização – A Impossibilidade em ser feliz na civilização.
Aula 7 – Assim falou Zaratustra - Nietzsche
Aula 8 – Assim falou Zaratustra - Nietzsche



John Stuart Mill (1806-1873)

Foi um filósofo e economista inglês. Defensor do liberalismo e utilitarismo.

Vocabulário

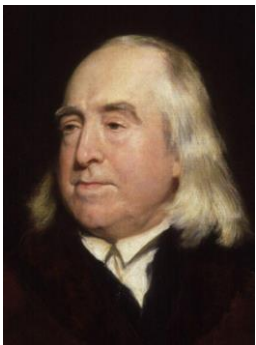
Utilitarismo: doutrina ética defendida principalmente por Jeremy Bentham e John Stuart Mill que afirma que as ações são boas quando tendem a promover a felicidade e más quando tendem a promover o oposto da felicidade.

Voluptuosa: Que prefere ou busca os prazeres através dos sentidos, principalmente os prazeres sexuais; que se entrega aos prazeres.



Epicuro (341-270 a.C.)

Foi um filósofo da Grécia antiga do período helenístico. Sua filosofia pauta-se na busca pelo prazer e afastamento da dor. Os prazeres defendidos por Epicuro são, principalmente, aqueles relacionados ao intelecto, vida social e simplicidade material.



Jeremy Bentham (1748-1832)

Foi um filósofo iluminista e jurista inglês. Considerado um dos criadores e defensores do utilitarismo.

Texto 1: O que o utilitarismo é, in *Utilitarismo* (2005), Ed. Gradiva, pp. 49-52. ISBN: 989-616-042-2

Autor: **John Stuart Mill**

Uma referência de passagem é quanto basta para responder à enormidade ignorante de supor que aqueles que defendem a utilidade como o teste do correto e do incorreto, **usam o termo no sentido restrito e meramente coloquial no qual a utilidade se opõe ao prazer**. É devido um pedido de desculpas aos oponentes filosóficos do **utilitarismo** pela aparência, mesmo se momentânea, de os confundir com alguém susceptível de um erro tão absurdo; erro esse que é ainda mais extraordinário na medida em que a acusação contrária, **a de que o utilitarismo remete tudo para o prazer (e esta acusação também na sua forma mais grosseira), é outra das acusações habituais contra o utilitarismo**. E, como foi assinalado de forma incisiva por um autor talentoso, o mesmo tipo de pessoas, e por vezes exatamente as mesmas pessoas, denunciam a teoria como “**impraticavelmente austera quando a palavra utilidade precede a palavra prazer, e demasiado voluptuosa, na prática quando a palavra prazer precede a palavra utilidade**”. Quem conhece o assunto está ciente de que todos os autores, de **Epicuro** a **Bentham**, **que defenderam a teoria da utilidade, não entendem por utilidade algo que se opõe e distingue do prazer, mas o prazer em si, aliado à ausência de dor; e em vez de oporem o útil ao agradável ou ao ornamental, sempre declaram que o útil se refere a estas coisas, entre outras**. No entanto, a **populaça**, incluindo a **populaça** de autores, está permanentemente a cair neste erro primário, não apenas em jornais e revistas, mas igualmente em livros de grande peso e ambição. Tendo ouvido a palavra **utilitarista**, embora nada sabendo sobre ela além do som, exprimem habitualmente com ela a rejeição, ou o

Video:



* "Happiness not included."

Epicurus on Happiness –
Epicuro e a Felicidade – Alain de Botton

<https://youtu.be/KFYr2jvTm98>

Vocabulário:

Populaça: O povo das classes baixas; plebe, ralé.

Frivolidade: Aquilo que não tem valor; o que não vale nada; ninharia.

Compelido: Forçado; que foi obrigado a ter determinado comportamento; que age sob coação: país compelido a participar da guerra.

Degradação: Ação de destruir ou estragar; destruição: degradação social.

Inerente: Que se encontra ligado de modo íntimo e necessário; inseparável: responsabilidade inerente à função.

Filme:



Batman - "O Cavaleiro das Trevas" (2008) apresenta alguns dos dilemas mais intrigantes **de Kant e de Mill**.

No filme, Batman enfrenta a difícil decisão de ter de escolher entre salvar o amor de sua vida, Rachel Dawes, ou a pessoa que pode ter a capacidade de se tornar o verdadeiro "salvador" de Gotham, Harvey Dent. Sua escolha em salvar Dent define uma cadeia de eventos o tornam vilão alegando vingança contra Batman. O Coringa representa a antítese da **ética kantiana**. Suas ações e intenções são simplesmente destinadas a provocar o caos em toda a cidade.

menosprezo, do prazer em algumas das suas formas: da beleza, do ornamento ou da diversão. E o termo não é usado desta forma ignorante e errada apenas para desacreditar, mas ocasionalmente também para elogiar; como se implicasse superioridade face à **frivolidade** e aos meros prazeres do momento. E este uso pervertido é o único no qual a palavra é conhecida popularmente, e aquele a partir do qual as novas gerações estão a adquirir a única noção que têm do seu significado. Quem introduziu a expressão, mas que durante muitos anos a abandonou como designação característica, pode sentir-se **compelido** a utilizá-la de novo, se ao fazê-lo puder esperar contribuir em alguma coisa para a resgatar desta total **degradação**.

A doutrina que aceita como fundamento da moral a utilidade, ou o princípio da maior felicidade, defende que as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade, e incorretas na medida em que tendem a gerar o contrário da felicidade. Por felicidade entendemos o prazer, e a ausência de dor; por infelicidade, a dor, e a privação de prazer. Para dar uma perspectiva clara do padrão moral estabelecido pela teoria é preciso dizer muito mais; em particular, que coisas se incluem nas ideias de dor e prazer; e até que ponto isto é deixado como questão em aberto. Mas estas explicações suplementares não afetam a teoria da vida na qual esta teoria da moralidade se baseia – nomeadamente, que o prazer, e a ausência de dor, são as únicas coisas desejáveis como fins; e que todas as coisas desejáveis (que são tão numerosas no esquema utilitarista como em qualquer outro) são desejáveis ou pelo prazer **inerente** a si mesmas, ou como meios para a promoção do prazer e a prevenção da dor.

Ora, tal teoria provoca em muitos espíritos, e entre eles alguns dos mais estimáveis em sentimento e determinação, uma

Filme:**A Escolha de Sofia (1982)**

Direção: Alan J. Pakula

Trata do dilema de "Sofia", uma mãe polaca, filha de pai anti-semita, presa num campo de concentração durante a Segunda Guerra e que é forçada por um soldado nazista a escolher um de seus dois filhos para ser morto. Se ela se recusasse a escolher um, ambos seriam mortos.

Vocabulário:

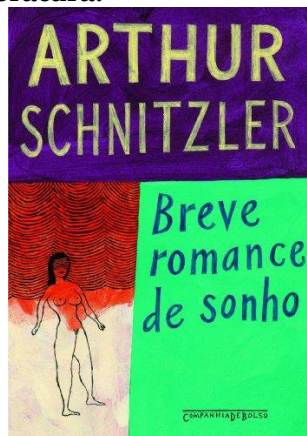
Repulsa: sentimento de repugnância, de aversão.

Inveterada: arraigado, fixado pelo tempo ou pela insistência.

Abjeto: aquilo que é vil, baixo, desprezível, torpe, degradante.

Prossecação: ato de dar prosseguimento, continuação.

Degradante: infame, danifica, desonrante, deteriorante.

Literatura:

Breve Romance de Sonho (1926)

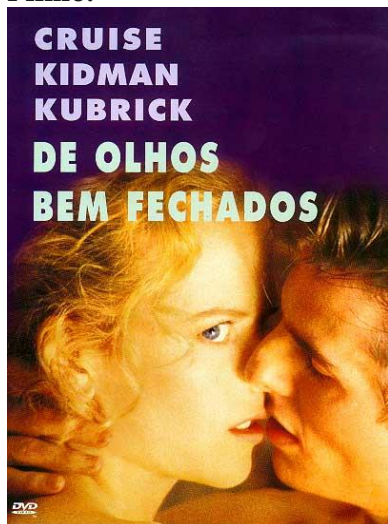
Autor: Arthur Schnitzler

repulsa inveterada. Supor que a vida não tem (como eles dizem) um fim mais elevado do que o prazer – nada que seja um melhor e mais nobre objeto de desejo e **prossecação** – é considerado mesquinho e **abjeto**; uma doutrina digna apenas de porcos, aos quais os seguidores de Epicuro foram, desde muito cedo, comparados com desprezo; e os defensores modernos da doutrina são ocasionalmente objeto de comparações igualmente delicadas por parte dos seus críticos alemães, franceses e ingleses.

Quando atacados desta forma, os epicuristas sempre responderam que não são eles, mas os seus acusadores, quem representa a natureza humana a uma luz degradante; uma vez que a acusação supõe que os seres humanos são incapazes de prazeres além daqueles de que os porcos são capazes. Se esta suposição fosse verdadeira, a acusação não poderia ser contestada, mas deixaria então de ser uma censura; pois, se as fontes de prazer fossem precisamente as mesmas para os seres humanos e os porcos, a regra de vida que é suficientemente boa para uns seria boa também para os outros. A comparação da vida epicurista com a dos animais é sentida como **degradante precisamente porque os prazeres dos animais não satisfazem as concepções de felicidade de um ser humano.** Os seres humanos têm faculdades mais elevadas do que os apetites animais e, quando ganham consciência delas, nada encaram como felicidade que não inclua a satisfação das mesmas. Não considero de modo algum, na verdade, que os epicuristas não tenham cometido erros ao derivar o seu esquema de consequências a partir do princípio utilitarista. Para fazer isto de uma forma satisfatória é necessário incluir muitos elementos **estoicos e cristãos.** Mas não se conhece qualquer teoria epicurista da vida que não atribua aos prazeres do intelecto, das emoções e da imaginação, e aos sentimentos morais, um valor

Livro que inspirou Kubrick a fazer o filme De olhos bem Fechados. Tanto o livro quanto o filme tratam dilemas morais que passam pela fidelidade, traição e relacionamento.

Filme:



De Olhos bem Fechados

Título original: Eyes Wide Shut (1999)

Um dos filmes mais estranhos e filosóficos de **Kubrick**. Conta a história de um médico que, ao descobrir as possíveis traições da sua esposa, embarca em uma jornada para explorar seus próprios desejos reprimidos. A obra é interessante porque levanta questões relativas aos desejos e contrasta as consequências dessas ações.

Vocabulário:

Intrínseca: que faz parte, que constitui a essência, que é próprio do ser, inerente.

Senciente: que percebe pelos sentidos, que recebe impressões.

Hedonismo: uma das doutrinas que concordam na determinação do prazer como o bem supremo, finalidade e fundamento da vida moral, embora se afastem no momento de explicitar o conteúdo e as características da plena fruição, assim como os meios para obtê-la.

muito maior, enquanto prazeres, do que aos da mera sensação. Tem de se admitir, no entanto, que **os autores utilitaristas localizaram em geral a superioridade dos prazeres mentais sobre os corporais sobretudo na maior permanência, segurança, economia etc., dos primeiros – isto é, nas suas vantagens circunstanciais em vez de na sua natureza intrínseca**. E em todos estes pontos os utilitaristas demonstraram por completo o seu ponto de vista; mas poderiam ter tomado o outro caminho, a que poderemos chamar mais elevado, com inteira consistência. É perfeitamente compatível com o princípio de utilidade reconhecer o facto de **alguns tipos de prazer serem mais desejáveis e valiosos do que outros**. Seria absurdo que a avaliação dos prazeres dependesse apenas da quantidade, dado que ao avaliar todas as outras coisas consideramos a qualidade a par da quantidade.

Máxima utilitarista: *Agir sempre de forma a produzir a maior quantidade de bem-estar (Princípio do bem-estar máximo)*

Complemento: Para entender o utilitarismo de Stuart Mill

A teoria utilitarista de Mill:

1 – O bem último é a felicidade.

2 – Produzir a maior felicidade para o maior número é o que faz uma ação ser correta.

Argumentos e ideias da teoria utilitarista de Mill:

1) **Princípio da maior felicidade** – Um ato ser certo ou errado depende de um único fator: **a sua contribuição para a felicidade ou bem-estar**. Se um curso de ação previsivelmente produzir mais felicidade do que infelicidade, então é correto. Pelo contrário, se previsivelmente gerar mais infelicidade do que felicidade, então é errado.

a) O padrão utilitarista da maior felicidade não se refere apenas à maior felicidade do próprio agente (egoísmo ético); mas sim **à maior felicidade no todo, na sua máxima extensão** (o que inclui os seres **sencientes**). Assim, aquilo que importa promover não é a felicidade do próprio agente, mas a **felicidade geral ou bem-estar de todos os envolvidos** numa determinada ação.

b) **Sacrificar o bem pessoal só tem sentido se for em prol do bem dos outros**, ou seja, se aumentar (ou tender a aumentar) a quantidade total de felicidade.

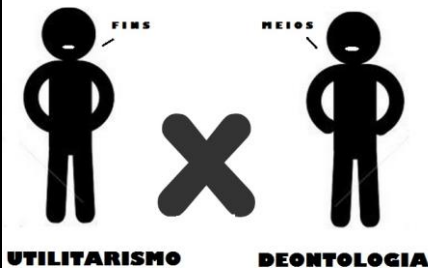
c) O utilitarismo exige que **o agente seja imparcial** (ou seja, devemos dar a mesma importância à felicidade e bem-estar de todos os indivíduos).

d) Mas, por que razão teremos que promover a felicidade geral?

• Existe uma **base natural** de sentimento para a moralidade utilitarista.

Vocabulário:

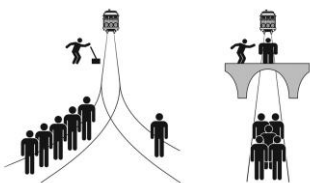
Deontológicas: faz parte da filosofia moral contemporânea, que significa ciência do dever e da obrigação. A deontologia é um tratado dos deveres e da moral. É uma teoria sobre as escolhas dos indivíduos, o que é moralmente necessário e serve para nortear o que realmente deve ser feito.



Filosofia:

Estoicos: estoicismo – escola filosófica helenística fundada na Grécia Antiga no início do século III a. C.. Se caracteriza por uma ética em que a imperturbabilidade, a extirpação das paixões e a aceitação resignada do destino são as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto a experimentar a verdadeira felicidade [O estoicismo exerceu profunda influência na ética cristã.].

Dilema moral:



- Existem **sentimentos sociais da humanidade**.
- **A natureza humana é constituída de forma a desejar a felicidade geral.**

2) **Hedonismo** – A felicidade ou bem-estar de um indivíduo consiste **unicamente no prazer** (experiências apazíveis) e na ausência de dor ou sofrimento. **A felicidade, entendida como prazer, é intrinsecamente valiosa e constitui o bem supremo.**

a) Mill defende que **alguns tipos de prazeres são qualitativamente superiores a outros**. Ou seja, há prazeres intrinsecamente melhores do que outros. E, para vivermos melhor, **é preciso dar uma forte preferência aos prazeres superiores**, recusando-nos a trocá-los por uma quantidade idêntica, ou mesmo maior, de prazeres inferiores.

- Os **prazeres superiores** são preferíveis pelas pessoas que tenham uma experiência de ambos os tipos de prazer, pois estes produzem qualitativamente mais felicidade que os prazeres mais baixos.
- Os **prazeres inferiores** dizem respeito à satisfação das **necessidades primárias** (comida, água, sexo, sono etc.). Os **prazeres superiores** dizem respeito à satisfação das **necessidades mentais sofisticadas** (como leitura, reflexão, deleite estético, consciência e estudo).
- Ainda que os prazeres de um porco fossem mais intensos e duradouros do que os de um ser humano, os de um ser humano seriam preferíveis aos de um porco, pois o porco apenas pode ter prazeres inferiores.
- O hedonismo de Mill distingue-se do hedonismo de Bentham. Pois, para **Bentham o hedonismo é puramente quantitativo**, ou seja, o valor de um prazer depende apenas da sua **duração e intensidade**; enquanto que para **Mill o hedonismo é quantitativo e qualitativo**, isto é, há prazeres que, pela sua natureza intrínseca, são superiores a outros.

3) **Maximização do bem** – **Se queremos saber se um dado ato é certo ou errado, tudo o que precisamos de saber é em que medida, comparado com atos alternativos, este contribui para a felicidade geral.**

a) A melhor escolha será aquela que, de um ponto de vista imparcial, mais beneficia e promove a felicidade ou bem-estar de todos os envolvidos numa determinada ação.

b) É importante analisar, num determinado ato, **qual é o maior benefício**.

4) **Consequencialismo** – O utilitarista avalia as ações atendendo somente às suas consequências. **Assim, em qualquer situação, o melhor ato é aquele que, comparado com os atos alternativos, tem consequências mais valiosas. Ou seja, o correto é agir de tal modo que geremos o melhor estado de coisas possível.**

a) Para se determinar o valor das consequências de um ato basta ponderar-se imparcialmente os prejuízos e benefícios que a sua realização trará a todos os indivíduos.

b) Na avaliação de um ato, o que interessa são as consequências (o que resultará desse ato); sendo irrelevante o motivo do agente (a razão pela qual queremos fazer algo).

As objecções à ética utilitarista de Mill:

1) **O utilitarismo parece demasiado permissível** – Pois, não admite restrições **deontológicas**. **Para um utilitarista é correto matar ou torturar inocentes se isso resultar numa maior felicidade geral**. Mas, parece que atos desse tipo não são justificáveis pelo simples fato de produzirem as melhores consequências.

a) Porém, os utilitaristas (cf. Sidgwick) alegam que a sua teoria não é demasiado permissível fazendo notar que esta não deve ser usada sistematicamente para tomar decisões, e que existem outras motivações úteis para agir.

2) **O utilitarismo parece demasiado exigente** – Pois, diz-nos que é

Série/televisão:
House of Cards (2013 - ...)



House of Cards possui diversos dilemas éticos em que seus personagens lutam entre si em busca de dinheiro e poder. Tudo pode ser feito para se atingir seus objetivos?

Jornalismo/Mundo:
Campos de concentração para gays na Chechênia: o novo velho pesadelo da Federação Russa

A perseguição aos homossexuais não é um resíduo de uma sociedade tradicional de cunho medieval, mas sim o mais recente capítulo dos abusos sofridos pelos cidadãos russos

Para saber mais - Fonte:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/18/internacional/1492511300510497.html>



Rússia declara ilegal compartilhar esta imagem de Putin maquiado.

Fonte:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/internacional/1491565697732808.html?rel=mas>

sempre errado fazer algo que não contribua para a felicidade geral no maior grau possível. **Nunca é aceitável fazer menos do que maximizar a felicidade geral por maiores que sejam os sacrifícios pessoais que isso implique.**

Fonte deste resumo: <http://blog.domingosfaria.net/2012/03/sintese-etica-utilitarista-de-stuart.html>

Atividade 1 – Dilemas morais – Debate em grupo

O que você faria?

Fonte: Revista Super Interessante

Link: <http://super.abril.com.br/cultura/dilemas-morais-o-que-voce-faria/>

Consultado em 20/06/2017, às 23h00.

Dilema 1: O trem descontrolado (1)

Um trem vai atingir 5 pessoas que trabalham desprevenidas sobre a linha. Mas você tem a chance de evitar a tragédia acionando uma alavanca que leva o trem para outra linha, onde ele atingirá apenas uma pessoa. Você mudaria o trajeto, salvando as 5 e matando 1?

() Mudaria

() Não mudaria

Numa pesquisa feita pela revista Time, 97% dos leitores salvariam os 5.

Dilema 2: O trem descontrolado (2)

Imagine a mesma situação anterior: um trem em disparada irá atingir 5 trabalhadores desprevenidos nos trilhos. Agora, porém, há uma linha só. O trem pode ser parado por algum objeto pesado jogado em sua frente. Um homem com uma mochila muito grande está ao lado da ferrovia. Se você empurrá-lo para a linha, o trem vai parar, salvando as 5 pessoas, mas liquidando uma. Você empurraria o homem da mochila para a linha?

() Empurraria

() Não empurraria

Avaliando pela lógica pura, esse dilema não tem diferença em relação ao anterior. Continua sendo uma questão de trocar 1 indivíduo por 5. Apesar disso, a maioria das pessoas (75% nos estudos de Joshua Greene, 60% no teste da Time) não empurraria o homem. Estamos dispostos a matar com máquinas, mas não mataríamos com as mãos.

Dilema 3: Totem e tabu

No seu país, a tortura de prisioneiros de guerra é proibida. Você é tenente do Exército e recebe um prisioneiro recém-capturado que grita: “Alguns de vocês morrerão às 21h35”. Suspeita-se que ele sabe de um ataque terrorista a uma boate. Para saber mais e salvar civis, você o torturaria?

Jornalismo/Brasil:

Um retrato do torturador comandante Brilhante Ustra, segundo as suas vítimas

Cérebro da repressão na ditadura não poupava crianças e apreciava comandar violações de mulheres. Foi essa ferida do passado que Jair Bolsonaro reabriu com seu voto no último domingo



Fonte:

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461180363_636737.html

Charge:



- 1-“Tudo coberto menos os olhos ... O que é uma cultura machista, cruel e dominadora”
- 2-“Tudo descoberto, menos os olhos!!! O que é uma cultura machista, cruel e dominadora.”

Jornalismo/Brasil:

Infanticídio põe em xeque respeito à tradição indígena



No Xingu, Paltu Kamaiurá segura seu filho, Mayutá, que foi salvo da morte a que estava destinado por sua tribo; seu irmão gêmeo foi morto, como manda a tradição

Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc060420081>

() Torturaria

() Não torturaria

Recentemente, Israel e os EUA foram duramente criticados pela prática de tortura de terroristas árabes em prisões e pelas tentativas de legalizá-la em forma de “pressão psicológica” ou “pressão física moderada”. Na defesa, os países usaram dilemas como esse. Se você achar que o correto é torturar o prisioneiro, vai legitimar carceragens sangrentas. Por outro lado, caso se recusasse a torturá-lo, poderá deixar inocentes morrer.

Dilema 4: Os limites da promessa

Um amigo quer lhe contar um segredo e pede que você prometa não contar a ninguém. Você dá sua palavra. Ele conta que atropelou um pedestre e, por isso, vai se refugiar na casa de uma prima. Quando a polícia o procura querendo saber do amigo, o que você faz?

() Conta à polícia

() Não conta à polícia

O antropólogo holandês Fonz Trompenaars realizou pesquisas em diversos países com dilemas como esse. O mais interessante é que as respostas variaram de acordo com o povo. A maioria dos russos acusaria o amigo na lata. Outros mentiriam para protegê-lo, dando dicas ambíguas à polícia, como os americanos. Já os brasileiros inventariam histórias malucas para dizer que a culpa não era do amigo, mas do pedestre, que era um suicida.

Dilema 5: Choque cultural

Você é um funcionário da Funai, trabalhando na Amazônia sob ordem expressa de jamais intervir na cultura indígena. Passeando perto de uma clareira, nota que ianomâmis estão envenenando o bebê de uma índia, que está aos prantos. Você impediria a morte do bebê?

() Impediria

() Não impediria

No começo de abril, a Folha de S.Paulo contou a história do índio Mayutá, de 2 anos, que nasceu de uma gravidez de gêmeos. Como os índios camaiurás acreditam que gêmeos trazem maldição, Mayutá deveria ser envenenado. O irmão dele já havia sido assassinado quando o pai interveio. Com ajuda da ong Atini, que tenta acabar com o infanticídio entre os índios brasileiros, o pai retirou a criança da tribo.

Filosofia:



Immanuel Kant
(1724 — 1804)

Foi um filósofo prussiano / alemão, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna.

Crítica ao utilitarismo:

Uma das mais relevantes críticas ao utilitarismo foi aquela levada a cabo pelo filósofo alemão Immanuel Kant, ao formular seu conceito de **Imperativo Categórico**, de acordo com Kant, a maximização do bem para os envolvidos, premissa básica do utilitarismo no que concerne a ação moral em sociedade, é irrelevante do ponto de vista daqueles indivíduos que preocupam-se com a maximização do bem, ou do resultado positivo de suas ações, apenas para si mesmos, sem importar-se com as demais pessoas. Isto aconteceria, segundo Kant, pois o utilitarismo seria capaz de postular apenas imperativos hipotéticos, aqueles com a forma "se desejo X devo fazer Y", e não máximas morais que devam ser seguidas independentemente das inclinações pessoais.

Texto 2: Lei fundamental da razão pura prática, in *Crítica da Razão Prática* (1788), pp. 32 e 33. Icone Editora, Coleção Fundamentos do Direito, tradução Paulo Barrera (2005).

Autor: **Immanuel Kant**.

Imperativo Categórico:

Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa valer-te sempre como princípio de uma legislação universal

Escólio:

A geometria pura tem postulados que são proposições práticas, os quais só contêm, todavia, a suposição de que se pode fazer alguma coisa quando se exigir que se deve fazer, sendo estas as únicas proposições da geometria pura concernentes a uma existência. São, conseqüentemente, regras práticas recalcadas sob uma condição problemática da vontade. Entretanto, a regra diz aqui que deve proceder de certo modo absoluto. A regra prática é, portanto, incondicionada, sendo, por conseqüência, representada a priori como uma proposição categoricamente prática, em virtude da qual a vontade é determinada, objetiva, absoluta e imediatamente (pela mesma regra prática que aqui evidentemente é lei). Com efeito, a razão pura em si mesma aqui resulta imediatamente legisladora. A vontade é concebida como independente de condições empíricas e, por conseguinte, como vontade pura, determinada mediante a simples forma da lei, sendo esse motivo de determinação considerado como a suprema condição de todas as máximas. O caso é bastante singular, e não disponho de um equivalente no restante do conhecimento prático. O pensamento a priori de uma legislação universal possível resulta, tal qual é, simplesmente problemático, apresentando-se diante de nós como lei incondicional, sem tomar nada de empréstimo à

Vocabulário filosófico:

Imperativo categórico: "Age somente em concordância com aquela máxima através da qual tu possas ao mesmo tempo querer que ela venha a se tornar uma lei universal".

Filmes:**O informante (2005)**

Direção: Michael Mann

De acordo com Kant um indivíduo tem dever para com o bem comum. No filme, o trabalhador enfrenta a questão do que é mais importante, o dever de alertar os consumidores ou a sua obrigação como um empregado de permanecer em silêncio.

Vocabulário:

Colorário: proposição que deriva, em um encadeamento dedutivo, de uma asserção precedente, produzindo um acréscimo de conhecimento por meio da explicitação de aspectos que, no enunciado anterior, se mantinham latentes ou obscuros.

Escólio: breve anotação sobre algum texto com a finalidade de explicá-lo ou torná-lo mais claro, mais compreensível.

experiência ou a uma vontade exterior qualquer. Não é, também, um preceito segundo o qual uma ação deva ocorrer, mediante a qual fosse possível um efeito desejado (porque, então, a regra seria sempre condicionada fisicamente), mas, sim, uma regra que determina apenas a vontade a priori em relação à forma de suas máximas, sendo então uma lei que só serve para a forma subjetiva dos princípios ao menos possível, salvo se for concebida como motivo determinante por meio da forma objetiva de uma lei geral. A consciência dessa lei fundamental pode ser denominada um ato da razão, porque não podemos inferi-la de dados antecedentes da razão, como seja da consciência da liberdade (porque essa consciência não se revela anteriormente) impondo-se por si mesma a nós como proposição sintética a priori, a qual não se fundamenta em qualquer intenção, seja pura ou empírica, ainda que fosse analítica quando propuséssemos a liberdade da vontade, para o que, todavia, seria exigível, como conceito positivo, uma intuição intelectual que aqui não pode ser admitida de modo algum. Entretanto, para considerar essa lei como dada, sem resvalar à falsa interpretação, deve-se ter em conta que ela não é uma lei empírica, mas um caso exclusivo da razão pura, a qual se manifesta por meio dele como de origem legisladora.

Corolário:

A razão pura é por si mesma prática, facultando (ao homem) uma lei universal que denominamos lei moral.

Escólio:

É inegável o que acabamos de dizer. Resta apenas por analisar os juízos que os homens articulam sobre a correlação de suas ações à lei. Deduzir-se-á sempre que, seja o que for o aduzido pela inclinação, a razão, incorruptível e por si mesma obrigada, compara sempre a máxima da vontade em uma ação

Filmes:



Até o último homem (2016)

Direção: Mel Gibson

Em defesa do imperativo categórico “não matar”, o filme narra a história de Desmond T. Doss, que se recusa a pegar em armas e matar outros seres humanos durante a 2ª. Guerra Mundial.



O Jardineiro Fiel (2005)

Direção: Fernando Meirelles.

The Constant Gardener apresenta a trajetória de Justin Quayle, um diplomata britânico lotado em Nairóbi, no Quênia, que decide investigar as razões do assassinato de sua esposa Tessa, uma ativista de direitos humanos.

Ao persistir na investigação do assassinato de sua esposa, mesmo recebendo ameaças e "avisos" de amigos, Justin descobre-se em meio a uma teia de revelações mais profunda: sua esposa estava envolvida numa investigação sigilosa sobre uma conspiração internacional envolvendo governos e multinacionais do setor farmacêutico e testes de medicamentos em seres humanos.

com a vontade pura, isto é, consigo mesma, quando a consideramos como prática a priori. Agora, convenhamos: este princípio da moralidade, precisamente pela universalidade legislativa, que o torna fundamento determinante formal da vontade, independente de todas as diferenças subjetivas dessa vontade, declarando-o a razão, ao mesmo tempo, lei para todos os seres racionais conquanto tenham uma vontade, ou seja, uma faculdade capaz de determinar a sua própria causalidade mediante a representação de regras e, conseqüentemente, enquanto capazes de produzir ações segundo princípios e, portanto, também conformes com princípios práticos a priori (dado que só esses apresentam aquela necessidade que a razão exige em todos os princípios). Isso não se limita apenas ao homem: torna-se extensivo aos seres finitos dotados de razão e vontade, incluindo até o ser infinito como inteligência suprema. Todavia, no homem, a lei possui, no primeiro caso, a forma de um imperativo, porque, na qualidade de ser racional, pode-se supor nele uma vontade pura; mas, por outro lado, sendo afetado por necessidade e por causas motoras sensíveis, não se pode supor nele uma vontade santa, isto é, tal que não lhe fosse possível esboçar qualquer máxima em contraposição à lei moral. Para aqueles seres, a lei moral, portanto, é um imperativo que manda categoricamente, porque a lei é incondicionada.

Leitura complementar:

A filosofia moral de Kant

Kant desenvolve a sua filosofia moral em três obras: *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), *Crítica da razão prática* (1788) e *Metafísica dos costumes* (1798).

Nesta área, Kant é provavelmente mais bem conhecido pela sua teoria sobre uma obrigação moral única e geral, que explica todas as outras obrigações morais que temos: o imperativo categórico.

O imperativo categórico, em termos gerais, é uma obrigação incondicional, ou uma obrigação que temos independentemente da nossa vontade ou desejos (em contraste com o imperativo hipotético).

As nossas obrigações morais podem ser resultantes do imperativo categórico. O imperativo categórico pode ser formulado em três formas, que ele acreditava serem mais ou menos equivalentes (apesar de opinião contrária de muitos comentadores):

Segundo a investigação, sob o pretexto de ajudar a prevenir a disseminação da AIDS e distribuir gratuitamente medicamentos para seu tratamento no Quênia, uma grande empresa testava um novo medicamento contra a tuberculose e ocultando, pela manipulação dos testes, seus severos efeitos colaterais.

"A boa vontade é condição indispensável para sermos dignos de felicidade".

-Immanuel Kant.



Feitiço do tempo (1993)

Direção: Harold Ramis

Este filme apresenta as duas pontas das **ética kantiana**. Phil Connors, um homem egoísta, começa a experimentar o mesmo dia uma e outra vez na aldeia Punxsutawney no dia de Groundhog. A resposta inicial de Connors às novas circunstâncias é repleto de hedonismo. Ele rouba, bebe em excesso, dirige imprudentemente, seduz mulheres da cidade, e tentar manipular seus colegas de trabalho. Connors finalmente conclui que não pode continuar a vida que ele leva. Connors toma uma decisão que alinha com ética kantiana. Sua nova vida e novas ações refletem um imperativo categórico de Kant, pelo qual uma pessoa age sem interesse pessoal para tornar a vida das pessoas ao seu redor melhor. Através de sua nova perspectiva de vida, consegue escapar o ciclo repetitivo.

* A primeira formulação (a fórmula da lei universal) diz: "**Age somente em concordância com aquela máxima através da qual tu possas ao mesmo tempo querer que ela venha a se tornar uma lei universal**".

* A segunda fórmula (a fórmula da humanidade) diz: "**Age por forma a que uses a humanidade, quer na tua pessoa como de qualquer outra, sempre ao mesmo tempo como fim, nunca meramente como meio**".

* A terceira fórmula (a fórmula da autonomia) **é uma síntese das duas prévias**. Diz que deveremos agir por forma a que possamos pensar de nós próprios como leis universais legislativas através das nossas máximas. Podemos pensar em nós como tais legisladores autônomos apenas se seguirmos as nossas próprias leis.

Atividade 1

Vamos falar sobre nossos **pequenos atos de corrupções diários**? *No dia a dia, quando alguém burla regras ou até leis para obter alguma vantagem isso também é corrupção? Quais são os problemas gerados a partir desses pequenos delitos?*

Leia os dois textos abaixo (A e B), **assista os três vídeos** indicados (Filosofia Pop – Corrupção, Prof. Leandro Karnal – “Corrupção é um mal social” e *JC Debates* – Pequenas Corrupções, depois **converse com seus pais** sobre o tema. Por fim, **prepare-se para uma aula-debate** com os seus colegas de sala.

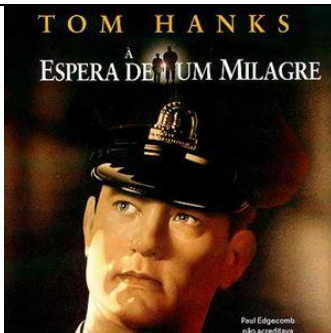


Texto A

“É preciso ensinar esses jovens a ter ética, transparência e também a exercer cidadania.”

Quase um em cada quatro brasileiros (23%) afirma que dar dinheiro a um guarda para evitar uma multa não chega a ser um ato corrupto, de acordo com uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais e o Instituto Vox Populi. Os números refletem o quanto atitudes ilícitas, como essa, de tão enraizadas em parte da sociedade brasileira, acabam sendo encaradas como parte do cotidiano.

“Muitas pessoas não enxergam o desvio privado como corrupção, só levam em conta a corrupção no ambiente público”, diz o promotor de Justiça



A espera de um milagre (1999)

Direção: Frank Darabont

Este filme baseado no romance de Stephen King de mesmo nome, levanta questões sobre a **ideia de dever de Kant**. O filme conta a história de um homem no corredor da morte com poderes de cura. Quando os guardas descobriram os "seus poderes", seu dever para com o seu trabalho e o dever moral de entrar conflito uns com os outros. Kant diria que seu dever para com o bem moral deve sempre triunfar, no entanto, o filme mostra como é difícil quando a decisão que se baseia na realidade.



Laranja Mecânica (1971)

Direção: Stanley Kubrick

Em uma Inglaterra do futuro, Alex e seu Droogs passam as noites se drogando no Korova Milkbar. Depois que ele é preso por contundir Lady Cat à morte, Alex se submete à técnica de modificação de comportamento para ganhar sua liberdade. Ele é condicionado a abominar a violência. Quando volta indefeso para o mundo, Alex se torna vítima de suas vítimas anteriores.

TV/SESC:

Filosofia POP
CORRUPÇÃO



<https://www.youtube.com/watch?v=5vUQkows4eo>

Márcia Tiburi conversa com o juiz de direito Marcelo Semer e o professor e psicanalista Tales Ab'Saber sobre o limite entre nossas escolhas e a esfera criminal, a tentação de culpar os outros e a dificuldade de reconhecer a

Jairo Cruz Moreira. Ele é coordenador nacional da campanha do Ministério Público "O que você tem a ver com a corrupção", que pretende mostrar como atitudes que muitos consideram normal são, na verdade, um desvirtuamento ético (...).

Aceitar essas pequenas corrupções legitima aceitar grandes corrupções", afirma o promotor. "Seguindo esse raciocínio, seria algo como um menino que hoje não vê problema em colar na prova ser mais propenso a, mais pra frente, subornar um guarda sem achar que isso é corrupção."

Segundo a pesquisa da UFMG, 35% dos entrevistados dizem que algumas coisas podem ser um pouco erradas, mas não corruptas, como sonegar impostos quando a taxa é cara demais.

Otimismo: Mas a sondagem também mostra dados positivos, como o fato de 84% dos ouvidos afirmar que, em qualquer situação, existe sempre a chance de a pessoa ser honesta.

A psicóloga Lizete Verillo, diretora da ONG Amarribo (representante no Brasil da Transparência Internacional), afirma que em 12 anos trabalhando com ações anti-corrupção ela nunca esteve tão otimista – e justamente por causa dos jovens. "Quando começamos, havia um distanciamento do jovem em relação à política", diz Lizete. "Aliás, havia pouco engajamento em relação a tudo, queriam saber mais é de festas. A corrupção não dizia respeito a eles." "Há dois anos, venho percebendo uma grande mudança entre os jovens. Estão mais envolvidos, cobrando mais, em diversas áreas, não só da política."

Para Lizete, esse cenário animador foi criado por diversos fatores, especialmente pela explosão das redes sociais, que são extremamente populares entre os jovens e uma ótima maneira de promover a fiscalização e a mobilização.

Mas se a internet está ajudando os jovens, na opinião da psicóloga, as escolas estão deixando a desejar na hora de incentivar o engajamento e conscientizá-los sobre a corrupção. "Em geral, a escola é muito omissa. Estão apenas começando nesse assunto, com iniciativas isoladas. O que é uma pena, porque agora, com o mensalão, temos um enorme passo para a conscientização, mas que pouco avança se a educação não seguir junto", diz a diretora. "É preciso ensinar esses jovens a ter ética, transparência e também a exercer cidadania."

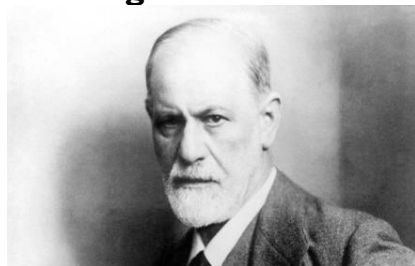
Adaptado

de http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121024_corrupcao_lista_mdb.shtml em 19/02/2014.

TEXTO B

A campanha (O que você tem a ver com a corrupção?) se justifica pela necessidade de se educar a sociedade por meio do estímulo à ética, à moralidade e à honestidade, construindo um processo cultural de formação de consciência e de responsabilidade dos cidadãos a partir de três tipos de responsabilidades (...): 1) a responsabilidade para com os próprios atos, ou responsabilidade individual; 2) a responsabilidade para com os atos de terceiros, ou responsabilidade social ou coletiva e; 3) a responsabilidade para com as gerações futuras a partir de um agir consciente. Dessa forma, pretende-se contribuir com a prevenção da ocorrência de novos atos de corrupção e com a consequente diminuição dos processos judiciais e extrajudiciais, por meio da educação das gerações futuras, estimulando, ainda, o encaminhamento de denúncias populares e a efetiva punição de corruptos e corruptores. Além disso, é dever institucional do Ministério Público combater a corrupção, repressiva e preventivamente, estimulando, inclusive, o desempenho das atribuições e das atividades extrajudiciais.

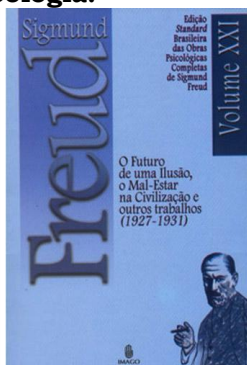
Psicologia:



Sigmund Freud (1856-1939)

Foi um médico neurologista criador da psicanálise.

Psicologia:



SUGESTÃO DE LEITURA

O mal-estar na civilização é um texto do médico e fundador da psicanálise Sigmund Freud que discute o fato da cultura - termo que o autor iguala à civilização - produzir um mal-estar nos seres humanos, pois que existe uma dicotomia entre os impulsos pulsionais e a civilização. Portanto, para o bem da civilização, o indivíduo é oprimido em suas pulsões e vive em mal-estar.

Vocabulário:

Psicologia: ciência que trata dos estados e processos mentais, do comportamento do ser humano e de suas interações com um ambiente físico e social.

Libido: é o desejo ou impulso sexual de um homem ou mulher. No âmbito da psicologia, a libido é fundamental para entender o comportamento humano, porque o condiciona e é vista como a energia que direciona os instintos vitais.

Texto 3: O mal-estar na civilização

Autor: Sigmund Freud

Capítulo V

O trabalho psicanalítico nos mostrou que as frustrações da vida sexual são precisamente aquelas que as pessoas conhecidas como neuróticas não podem tolerar. O neurótico cria em seus sintomas satisfações substitutivas para si, e estas ou lhe causam sofrimento em si próprios, ou se lhe tornam fontes de sofrimento pela criação de dificuldades em seus relacionamentos com o meio ambiente e a sociedade a que pertence. Esse último fato é fácil de compreender; o primeiro nos apresenta um novo problema. **A civilização, porém, exige outros sacrifícios, além do da satisfação sexual.**

Abordamos a dificuldade do desenvolvimento cultural como sendo uma dificuldade geral de desenvolvimento, fazendo sua origem remontar à inércia da libido, à falta de inclinação desta para abandonar uma posição antiga por outra nova. Dizemos quase a mesma coisa quando fazemos a antítese entre civilização e sexualidade derivar da circunstância de o **amor sexual constituir um relacionamento entre dois indivíduos**, no qual um terceiro só pode ser supérfluo ou perturbador, ao passo que **a civilização depende de relacionamentos entre um considerável número de indivíduos**. Quando um relacionamento amoroso se encontra em seu auge, não resta lugar para qualquer outro interesse pelo ambiente; **um casal de amantes se basta a si mesmo**; sequer necessitam do filho que têm em comum para torná-los felizes. Em nenhum outro caso, **Eros revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único**; contudo, quando alcança isso da maneira proverbial, ou seja, através do amor de dois seres humanos, recusa-se a ir além.

Até aqui, podemos imaginar perfeitamente uma comunidade cultural que consista em indivíduos duplos como este, que, **libidinalmente satisfeitos em si mesmos**, se vinculem uns aos outros através dos elos do trabalho comum e dos interesses comuns. Se assim fosse, a civilização não teria que extrair energia alguma da sexualidade. Contudo, esse desejável estado de coisas não existe, nem nunca existiu. A realidade nos mostra que a civilização não se contenta com as ligações que até agora lhe concedemos. **Visa a unir entre si os membros da comunidade também de maneira libidinal e, para tanto, emprega todos os meios. Favorece todos os caminhos pelos quais identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade e, na mais ampla escala, convoca a libido inibida em sua finalidade, de modo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade.** Para que esses objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma restrição à vida sexual. Não conseguimos, porém, entender qual necessidade

Arte:



Golconda (1953), de René Magritte. Nessa tela a provável intenção do pintor foi denunciar a massificação. Todos são iguais ao flutuarem sobre a cidade, representada, igualmente, de forma massificada.

Psicologia/diálogo:

Quem somos nós?

CASA DO SABER



<https://www.youtube.com/watch?v=EdxnL5Lf8wY&t=4067s>

FREUD por Felipe Pondé

**“Ame o seu próximo como a ti mesmo”
(Levítico, 19:18)**

Documentário:



<https://www.youtube.com/watch?v=IRxBoCKZZXk>

Freud – Para além da alma
Documentário didático e esclarecedor sobre a vida e a obra de Freud.

força a civilização a tomar esse caminho, necessidade que provoca o seu antagonismo à sexualidade. Deve haver algum fator de perturbação que ainda não descobrimos.

A pista pode ser fornecida por uma das exigências ideais, tal como as denominamos, da sociedade civilizada. Diz ela: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo.’ Essa exigência, conhecida em todo o mundo, é, indubitavelmente, mais antiga que o cristianismo, que a apresenta como sua reivindicação mais gloriosa. **No entanto, ela não é decerto excessivamente antiga; mesmo já em tempos históricos, ainda era estranha à humanidade. Se adotarmos uma atitude ingênua para com ela, como se a estivessemos ouvindo pela primeira vez, não poderemos reprimir um sentimento de surpresa e perplexidade. Por que deveremos agir desse modo? Que bem isso nos trará? Acima de tudo, como conseguiremos agir desse modo? Como isso pode ser possível? Meu amor, para mim, é algo de valioso, que eu não devo jogar fora sem reflexão. A máxima me impõe deveres para cujo cumprimento devo estar preparado e disposto a efetuar sacrifícios. Se amo uma pessoa, ela tem de merecer meu amor de alguma maneira.** (Não estou levando em consideração o uso que dela posso fazer, nem sua possível significação para mim como objeto sexual, de uma vez que nenhum desses dois tipos de relacionamento entra em questão onde o preceito de amar meu próximo se acha em jogo.) **Ela merecerá meu amor, se for de tal modo semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu me possa amar nela; merecê-lo-á também, se for de tal modo mais perfeita do que eu, que nela eu possa amar meu ideal de meu próprio eu (self).** Terei ainda de amá-la, se for o filho de meu amigo, já que o sofrimento que este sentiria se algum dano lhe ocorresse seria meu sofrimento também – eu teria de partilhá-lo. **Mas, se essa pessoa for um estranho para mim e não conseguir atrair-me por um de seus próprios valores, ou por qualquer significação que já possa ter adquirido para a minha vida emocional, me será muito difícil amá-la. Na verdade, eu estaria errado agindo assim, pois meu amor é valorizado por todos os meus como um sinal de minha preferência por eles, e seria injusto para com eles, colocar um estranho no mesmo plano em que eles estão. Se, no entanto, devo amá-lo (com esse amor universal) meramente porque ele também é um habitante da Terra, assim como o são um inseto, uma minhoca ou uma serpente, receio então que só uma pequena quantidade de meu amor caberá à sua parte – e não, em hipótese alguma, tanto quanto, pelo julgamento de minha razão, tenho o direito de reter para mim. Qual é o sentido de um preceito enunciado com tanta solenidade, se seu cumprimento não pode ser recomendado como razoável?**

Através de um exame mais detalhado, descubro ainda outras dificuldades. **Não meramente esse estranho é, em geral, indigno de meu amor; honestamente, tenho de confessar que ele**

Cinema/Filme:

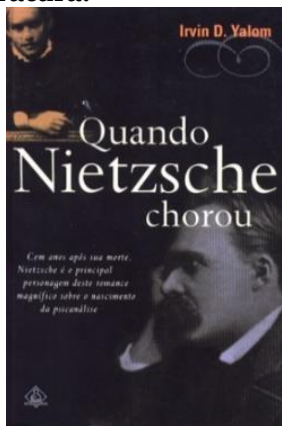


<https://www.youtube.com/watch?v=3g2D6Dmc-no&t=1565s>

VALSA COM BASHIR

Filme israelita de 2008 escrito e dirigido por Ari Folman. No formato de documentário animado, o filme retrata as tentativas de Folman, um veterano da Guerra do Líbano de 1982, de recuperar as suas memórias perdidas dos eventos que marcaram o massacre de Sabra e Shatila. O filme foi lançado a 13 de maio de 2008 durante o *Festival de Cannes* e foi um dos cinco indicados ao Oscar de melhor filme estrangeiro, além de ter sido escolhido como Melhor Filme do Ano, pela *Sociedade Nacional dos Críticos dos Estados Unidos*.

Literatura:



Quando Nietzsche chorou

(1992)

Romance do psicoterapeuta e professor Irvin D. Yalom que mescla elementos reais com a ficção. Obra que traça paralelo entre ficção e realidade e apresenta personagens históricos como Josef Breuer, professor do futuro pai da psicanálise: Sigmund Freud, e o filósofo Friedrich Nietzsche.

possui mais direito a minha hostilidade e, até mesmo, meu ódio.

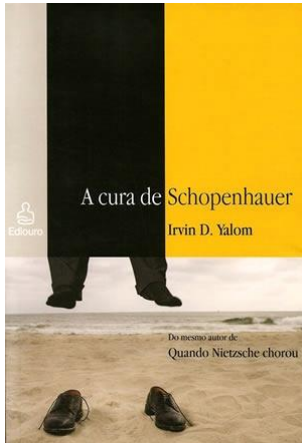
Não parece apresentar o mais leve traço de amor por mim e não demonstra a mínima consideração para comigo. Se disso ele puder auferir uma vantagem qualquer, não hesitará em me prejudicar; tampouco pergunta a si mesmo se a vantagem assim obtida contém alguma proporção com a extensão do dano que causa em mim. Na verdade, não precisa nem mesmo auferir alguma vantagem; se puder satisfazer qualquer tipo de desejo com isso, não se importará em escarnecer de mim, em me insultar, me caluniar e me mostrar a superioridade de seu poder, e, quanto mais seguro se sentir e mais desamparado eu for, mais, com certeza, posso esperar que se comporte dessa maneira para comigo. Caso se conduza de modo diferente, caso mostre consideração e tolerância como um estranho, estou pronto a tratá-lo da mesma forma, em todo e qualquer caso e inteiramente fora de todo e qualquer preceito. Na verdade, se aquele imponente mandamento dissesse **'Ama a teu próximo como este te ama'**, eu não lhe faria objeções. E há um segundo mandamento que me parece mais incompreensível ainda e que desperta em mim uma oposição mais forte ainda. Tratasse do mandamento **'Ama os teus inimigos'**. Refletindo sobre ele, no entanto, percebo que estou errado em considerá-lo como uma imposição maior. No fundo, é a mesma coisa.

Acho que agora posso ouvir uma voz solene me repreendendo: **'É precisamente porque teu próximo não é digno de amor, mas, pelo contrário, é teu inimigo, que deves amá-lo como a ti mesmo'**. Compreendo então que se trata de um caso semelhante ao do *Credo quia absurdum* (*Creio porque é absurdo*).

Ora, é muito provável que meu próximo, quando lhe for prescrito que me ame como a si mesmo, responda exatamente como o fiz e me rejeite pelas mesmas razões. Espero que não tenha os mesmos fundamentos objetivos para fazê-lo, mas terá a mesma ideia que tenho. Ainda assim, o comportamento dos seres humanos apresenta diferenças que a ética, desprezando o fato de que tais diferenças são determinadas, classifica como 'boas' ou 'más'. **Enquanto essas inegáveis diferenças não forem removidas, a obediência às elevadas exigências éticas acarreta prejuízos aos objetivos da civilização, por incentivar o ser mau.** Não podemos deixar de lembrar um incidente ocorrido na câmara dos deputados francesa, quando a pena capital estava em debate. Um dos membros acabara de defender apaixonadamente a abolição dela e seu discurso estava sendo recebido com tumultuosos aplausos, quando uma voz vinda do plenário exclamou: **'Que messieurs les assassins commencent! (Que os senhores assassinos comecem!)**

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, **é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo,**

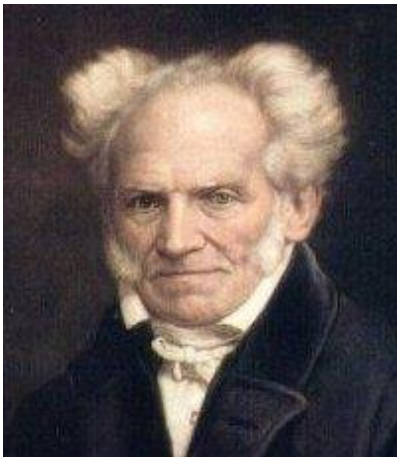
Literatura:



A cura de Schopenhauer (2005)

Romance de Irvin D. Yalom. A história se passa em torno das terapias em grupo coordenadas por Julius Hertzfeld, e a influência e participação de um antigo paciente, Philip Slate. O Livro utiliza de atualidades no mundo da psiquiatria e psicologia fazendo um enredo com a filosofia de Arthur Schopenhauer, filósofo do século XIX que afirma "viver é sofrer".

Filosofia:



Schopenhauer (1789-1860) Foi um filósofo alemão do século XIX. Ele é mais conhecido pela sua obra principal *O mundo como vontade e representação* (1818). Foi a filosofia de Schopenhauer que serviu de base para toda a obra psicanalítica de Sigmund Freud.

podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. – *Homo homini lúpus (O homem é o lobo do homem)*. Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção? Via de regra, essa cruel agressividade espera por alguma provocação, ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas. Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, ela também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho. Quem quer que lembre as atrocidades cometidas durante as migrações raciais ou as invasões dos hunos, ou pelos povos conhecidos como mongóis sob a chefia de Gengis Khan e Tamerlão, ou na captura de Jerusalém pelos piedosos cruzados, ou mesmo, na verdade, os horrores da recente guerra mundial, quem quer que lembre tais coisas terá de se curvar humildemente ante a verdade dessa opinião.

A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração. O interesse pelo trabalho em comum não a manteria unida; as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis. A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem. A despeito de todos os esforços, esses empenhos da civilização até hoje não conseguiram muito. Espera-se impedir os excessos mais grosseiros da violência brutal por si mesma, supondo-se o direito de usar a violência contra os criminosos; no entanto, a

Cinema/Filme:



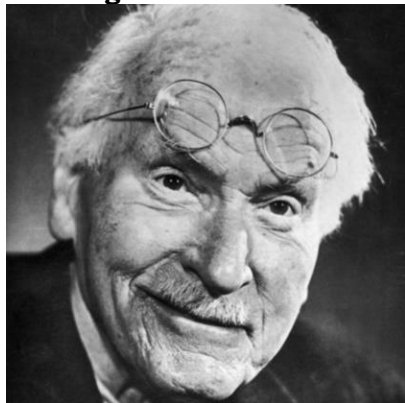
UM MÉTODO PERIGOSO

(2012)

Direção: David Cronenberg

O filme revela um episódio pouco conhecido, mas muito marcante na vida dos dois mais importantes psicólogos de todos os tempos. O jovem psicanalista Carl Jung começa um tratamento inovador na histérica Sabina Spielrein (Keira Knightley), sob influência de seu mestre e futuro colega, Sigmund Freud. Disposto a penetrar mais a fundo nos mistérios da mente humana, Jung verá algumas de suas ideias se chocarem com as teorias de Freud ao mesmo tempo em que se entrega a um romance alucinante e perigoso com a bela Sabina.

Psicologia:



Carl Jung (1875-1961)

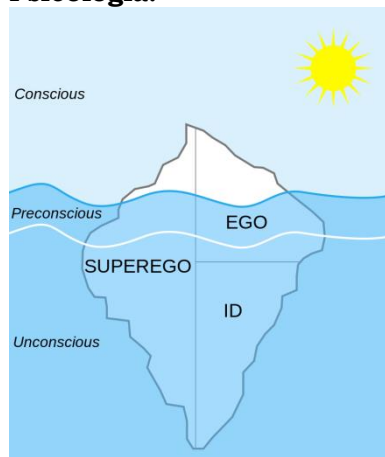
Foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica.

lei não é capaz de deitar a mão sobre as manifestações mais cautelosas e refinadas da agressividade humana. Chega a hora em que cada um de nós tem de abandonar, como sendo ilusões, as esperanças que, na juventude, depositou em seus semelhantes, e aprende quanta dificuldade e sofrimento foram acrescentados à sua vida pela má vontade deles. Ao mesmo tempo, seria injusto censurar a civilização por tentar eliminar da atividade humana a luta e a competição. Elas são indubitavelmente indispensáveis. Mas oposição não é necessariamente inimizade; simplesmente, ela é mal empregada e tornada uma ocasião para a inimizade.

Os comunistas acreditam ter descoberto o caminho para nos livrar de nossos males. Segundo eles, o homem é inteiramente bom e bem disposto para como seu próximo, mas a instituição da propriedade privada corrompeu-lhe a natureza. A propriedade da riqueza privada confere poder ao indivíduo e, com ele, a tentação de maltratar o próximo, ao passo que o homem excluído da posse está fadado a se rebelar hostilmente contra seu opressor.

Se a propriedade privada fosse abolida, possuída em comum toda a riqueza e permitida a todos a partilha de sua fruição, a má vontade e a hostilidade desapareceriam entre os homens. Como as necessidades de todos seriam satisfeitas, ninguém teria razão alguma para encarar outrem como inimigo; todos, de boa vontade, empreenderiam o trabalho que se fizesse necessário. Não estou interessado em nenhuma crítica econômica do sistema comunista; não posso investigar se a abolição da propriedade privada é conveniente ou vantajosa. Mas sou capaz de reconhecer que as premissas psicológicas em que o sistema (comunista) se baseia são uma ilusão insustentável. Abolindo a propriedade privada, privamos o amor humano da agressão de um de seus instrumentos, decerto forte, embora, decerto também, não o mais forte; de maneira alguma, porém, alteramos as diferenças em poder e influência que são mal empregadas pela agressividade, nem tampouco alteramos nada em sua natureza. A agressividade não foi criada pela propriedade. Reinou quase sem limites nos tempos primitivos, quando a propriedade ainda era muito escassa, e já se apresenta no quarto das crianças, quase antes que a propriedade tenha abandonado sua forma anal e primária; constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas (com a única exceção, talvez, do relacionamento da mãe com seu filho homem). Se eliminamos os direitos pessoais sobre a riqueza material, ainda permanecem, no campo dos relacionamentos sexuais, prerrogativas fadadas a se tornarem a fonte da mais intensa antipatia e da mais violenta hostilidade entre homens que, sob outros aspectos, se encontram em pé de igualdade. Se também removermos esse fator, permitindo a liberdade completa da vida sexual, e assim abolirmos a família,

Psicologia:



<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Structural-Iceberg.svg>

Vocabulário:

Ego: Eu consciente

Superego: eu referente à sociedade internalizada

Id: eu selvagem

Arte:



Narciso

Caravaggio, 1594-1596
Galeria Nacional de Arte Antiga

Televisão:



<https://www.youtube.com/watch?v=17NpumQibGk>
FREUD –GLOBO CIÊNCIA
Programa didático e esclarecedor.

célula germinal da civilização, não podemos, é verdade, prever com facilidade quais os novos caminhos que o desenvolvimento da civilização vai tomar; uma coisa, porém, podemos esperar; é que, nesse caso, essa característica indestrutível da natureza humana seguirá a civilização.

Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis. A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. Em outra ocasião, examinei o fenômeno no qual são precisamente comunidades com territórios adjacentes, e mutuamente relacionadas também sob outros aspectos, que se empenham em rixas constantes, ridicularizando-se umas às outras, como os espanhóis e os portugueses por exemplo, os alemães do Norte e os alemães do Sul, os ingleses e os escoceses, e assim por diante. Dei a esse fenômeno o nome de 'narcisismo das pequenas diferenças', denominação que não ajuda muito a explicá-lo. Agora podemos ver que se trata de uma satisfação conveniente e relativamente inócua da inclinação para a agressão, através da qual a coesão entre os membros da comunidade é tornada mais fácil. Com respeito a isso, o povo judeu, espalhado por toda a parte, prestou os mais úteis serviços às civilizações dos países que os acolheram; infelizmente, porém, todos os massacres de judeus na Idade Média não bastaram para tornar o período mais pacífico e mais seguro para seus semelhantes cristãos. Quando, outrora, o Apóstolo Paulo postulou o amor universal entre os homens como o fundamento de sua comunidade cristã, uma extrema intolerância por parte da cristandade para com os que permaneceram fora dela tornou-se uma consequência inevitável. Para os romanos, que não fundaram no amor sua vida comunal como Estado, a intolerância religiosa era algo estranho, embora, entre eles, a religião fosse do interesse do Estado e este se achasse impregnado dela. Tampouco constituiu uma possibilidade inexecutável que o sonho de um domínio mundial germânico exigisse o antissemitismo como seu complemento, sendo, portanto, compreensível que a tentativa de estabelecer uma civilização nova e comunista na Rússia encontre o seu apoio psicológico na perseguição aos burgueses. Não se pode senão imaginar, com preocupação, sobre o que farão os soviéticos depois que tiverem eliminado seus burgueses.

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em

Arte:

Sono (1937)

Salvador Dalí (1904-1989)

O surrealismo do pintor está em consonância com as ideias de Freud. Seu trabalho chama a atenção pela incrível combinação de imagens bizarras, oníricas, com excelente qualidade plástica.



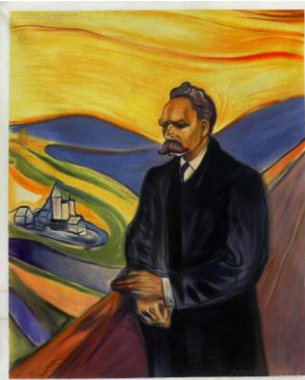
Cain (1880). Autor: Fernand A. Piestre Cormon (1845-1924)

situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito tênues. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança. Não devemos esquecer, contudo, que na família primeva (relativo aos tempos primitivos) apenas o chefe desfrutava da liberdade instintiva; o resto vivia em opressão servil. Naquele período primitivo da civilização, o contraste entre uma minoria que gozava das vantagens da civilização e uma maioria privada dessas vantagens era, portanto, levada a seus extremos. Quanto aos povos primitivos que ainda hoje existem, pesquisas cuidadosas mostraram que sua vida instintiva não é, de maneira alguma, passível de ser invejada por causa de sua liberdade. **Está sujeita a restrições de outra espécie, talvez mais severas do que aquelas que dizem respeito ao homem moderno.**

Quando, com toda justiça, consideramos falho o presente estado de nossa civilização, por atender de forma tão inadequada às nossas exigências de um plano de vida que nos torne felizes, e por permitir a existência de tanto sofrimento, que provavelmente poderia ser evitado; quando, com crítica impiedosa, tentamos pôr à mostra as raízes de sua imperfeição, estamos indubitavelmente exercendo um direito justo, e não nos mostrando inimigos da civilização. Podemos esperar efetuar, gradativamente, em nossa civilização alterações tais, que satisfaçam melhor nossas necessidades e escapem às nossas críticas. Mas talvez possamos também nos familiarizar com a ideia de existirem dificuldades, ligadas à natureza da civilização, que não se submeterão a qualquer tentativa de reforma. Além e acima das tarefas de restringir os instintos, para as quais estamos preparados, reivindica nossa atenção o perigo de um estado de coisas que poderia ser chamado de 'pobreza psicológica dos grupos'. Esse perigo é mais ameaçador onde os vínculos de uma sociedade são principalmente constituídos pelas identificações dos seus membros uns com os outros, enquanto que indivíduos do tipo de um líder não adquirem a importância que lhes deveria caber na formação de um grupo. O presente estado cultural dos Estados Unidos da América nos proporcionaria uma boa oportunidade para estudar o prejuízo à civilização, que assim é de se temer. Evitarei, porém, a tentação de ingressar numa crítica da civilização americana; não desejo dar a impressão de que eu mesmo estou empregando métodos americanos.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XXI, Imago Editora, Rio de Janeiro, pp. 112-120.

Arte:



Nietzsche (1906)
Autor: Edvard Munch
Período: Expressionismo



Vocabulário:

Águia: lenda sobre a troca do bico da águia após 40 anos. Ideia de renovação, renascimento, transformação. Apesar de essa informação ser falsa, vale o simbolismo que tal ideia carrega. A filosofia de Nietzsche baseia-se no devir, na transformação, por essa razão, a águia junto a Zaratustra na montanha possui o sentido de alguém que se modificou, renasceu e está mais forte.

Serpente: as cobras trocam a pele periodicamente. O processo, chamado tecnicamente de ecdise, ocorre para que o réptil possa expandir o seu corpo, crescer.

Enfastiado: enjoado, entediado, aborrecido.

Afável: amável, agradável.

Filme:



2001: Uma Odisseia no Espaço (1968) Direção: Stanley Kubrick
Sobre a trajetória da espécie humana.

TEXTO 4 – Preâmbulo de Zaratustra, primeira parte, in *Assim falava Zaratustra, (Also sprach Zarathustra)*.

Primeira parte

Preâmbulo (Prólogo) de Zaratustra

Aos trinta anos apartou-se Zaratustra da sua pátria e do lago da sua pátria, e foi-se até a montanha. Durante dez anos gozou por lá do seu espírito e da sua solidão sem se cansar. Variaram, porém, os seus sentimentos, e uma manhã, erguendo-se com a aurora, pôs-se em frente do sol e falou-lhe deste modo:

“Grande astro! Que seria da tua felicidade se te faltassem aqueles a quem iluminas? **Faz dez anos que te abeiras da minha caverna, e, sem mim, sem a minha águia e a minha serpente, haver-te-ias cansado da tua luz e deste caminho.**

Nós, porém, esperávamos-te todas as manhãs, tomávamos-te o supérfluo e bem dizíamos-te.

Pois bem: já estou tão **enfastiado** da minha sabedoria, como a abelha que acumulasse demasiado mel. Necessito mãos que se estendam para mim.

Quisera dar e repartir até que os sábios tornassem a gozar da sua loucura e os pobres da sua riqueza.

Por isso devo descer às profundidades, como tu pela noite, astro exuberante de riqueza quando transpões o mar para levar a tua luz ao mundo inferior.

Eu devo descer, como tu, segundo dizem os homens a quem me quero dirigir.

Abençoa-me, pois, olho **afável**, que podes ver sem inveja até uma felicidade demasiado grande!

Abençoa a taça que quer transbordar, para que dela manem as douradas águas, levando a todos os lábios o reflexo da tua alegria!

Olha! Esta taça quer de novo esvaziar-se, e Zaratustra quer tornar a ser homem”.

Assim principiou o caso de Zaratustra.

II

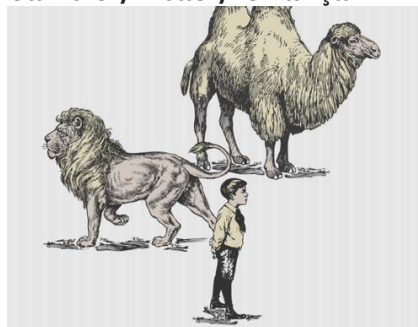
Zaratustra desceu sozinho das montanhas sem encontrar ninguém. Ao chegar aos bosques deparou-se de repente um velho de cabelos brancos que saíra da sua santa cabana para procurar raízes na selva. E o velho falou a Zaratustra desta maneira:

“Este viandante não me é desconhecido: passou por aqui há anos. Chamava-se Zaratustra, mas mudou.

Nesse tempo levava as suas cinzas para a montanha. Querirá levar hoje o seu fogo para os vales? Não terá medo do castigo que se reserva aos incendiários?

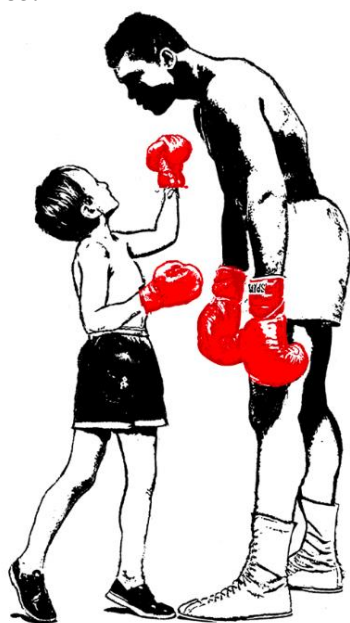
Sim; reconheço Zaratustra. O seu olhar, porém, e a sua

**Filosofia Nietzscheana:
Camelo / Leão / Criança**



Uma das tarefas centrais da filosofia de Nietzsche é a **luta contra os valores** vigentes — contra o pretensão objetivismo do homem de ciência, contra o espírito decadente do cristianismo. Como alternativa a esses valores, Nietzsche propõe a vida como norma e valor supremos. Esta vontade de viver supõe, por um lado, a crítica dos referidos falsos valores e, por outro, a superação do Homem (da “vergonha” que é o Homem) e a ereção de um novo modelo de Homem, o **super-Homem**. O super-Homem é o fruto de **três transformações do espírito** (em camelo, em leão e em criança), tal como são descritas no seu livro *Assim Falava Zaratustra*.

Arte:



Autor: Alex Cherry (1986-...)
In <http://alexcherry.com/>

boca não revelam nenhum enfado. Parece que se dirige para aqui como um **bailarino!**

Zaratustra mudou, Zaratustra **tornou-se menino**, Zaratustra está acordado. Que vais fazer agora entre os que dormem?

Como no mar vivias, no isolamento, e o mar te levava. Desgraçado! Queres saltar em terra? Desgraçado! Queres tornar a arrastar tu mesmo o teu corpo?”

Zaratustra respondeu: **“Amo os homens”**.

“Pois por que — disse o santo — vim eu para a solidão? Não foi por amar demasiadamente os homens?”

Agora, amo a Deus; não amo os homens.

O homem é, para mim, coisa sobremaneira incompleta. O amor pelo homem matar-me-ia”.

Zaratustra respondeu: “Falei de amor! Trago uma dádiva aos homens”.

“Nada lhes dês — disse o santo. — Pelo contrário, tira-lhes qualquer coisa e eles logo te ajudarão a levá-la. Nada lhes convirá melhor, de que quanto a ti te convenha.

E se queres dar não lhes dês mais do que uma esmola, e ainda assim espera que te peçam”.

“Não — respondeu Zaratustra; — eu não dou esmolas. Não sou bastante pobre para isso”.

O santo pôs-se a rir de Zaratustra e falou assim: “Então vê lá como te arranjas para te aceitarem os tesouros. Eles desconfiam dos solitários e não acreditam que tenhamos força para dar.

As nossas passadas soam solitariamente demais nas ruas. E, ao ouvi-las perguntam assim como de noite, quando, deitados nas suas camas, ouvem passar um homem muito antes do alvorecer: Aonde irá o ladrão?

Não vás para os homens! Fica no bosque!

Prefere à deles a companhia dos animais! Por que não queres ser como eu, urso entre os ursos, ave entre as aves?”.

“E que faz o santo no bosque?” — perguntou Zaratustra.

O santo respondeu: “Faço cânticos e canto-os, e quando faço cânticos rio, choro e murmuro.

Assim louvo a Deus.

Com cânticos, lágrimas, risos e murmúrios louvo ao Deus que é meu Deus. Mas, deixa ver: que presente nos trazes?”.

Ao ouvir estas palavras, Zaratustra cumprimentou o santo e disse-lhe: **“Que teria eu para vos dar? O que tens a fazer é deixar-me caminhar, correndo, para vos não tirar coisa nenhuma”**.

E assim se separaram um do outro, o velho e o homem, rindo como riem duas criaturas.

Quando, porém, Zaratustra se viu só, falou assim, ao seu coração: **“Será possível que este santo ancião ainda não ouvisse no seu bosque que Deus já morreu?”**

Série/televisão/Netflix:



Merlí (2015)

Merlí é uma série de televisão produzida pela TV3 sobre um professor de filosofia que, usando alguns métodos pouco ortodoxos, incentiva seus alunos a pensar livremente - dividindo as opiniões de alunos, professores e famílias.
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Merlí%C3%AD\(s%C3%A9rie\)#Temporada_2_282016.29](https://pt.wikipedia.org/wiki/Merlí%C3%AD(s%C3%A9rie)#Temporada_2_282016.29)

Vocabulário:

Super-homem: ou Além-Homem é o termo originado do alemão **Übermensch**, descrito no livro *Assim Falou Zaratustra*, em que explica os passos através dos quais o Homem pode tornar um '**Além-Homem**' (*homo superior*):

- Através da transvaloração de todos os valores do indivíduo;
- Através da sede de poder (vontade de potência), manifestado criativamente em superar o nihilismo e em reavaliar ideais velhos ou em criar novos.
- E, de um processo contínuo de superação.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Al%C3%A9m-Homem>



III

Chegando à cidade mais próxima, enterrada nos bosques, Zaratustra encontrou uma grande multidão na praça pública, porque estava anunciado o espetáculo de um **bailarino de corda**.

E Zaratustra falou assim ao povo:

“Eu vos anuncio o **Super-homem (Além-homem)**”.

“O homem é superável. Que fizestes para o superar?”

Até agora todos os seres têm apresentado alguma coisa superior a si mesmos; e vós, quereis o refluxo desse grande fluxo, prefere tornar ao animal, em vez de superar o homem?

Que é o macaco para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Pois é o mesmo que deve ser o homem para Super-homem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha.

Percorrestes o caminho que medeia do verme ao homem, e ainda em vós resta muito do verme. Noutro tempo fostes macaco, e hoje o homem é ainda mais macaco do que todos os macacos.

Mesmo o mais sábio de todos vós não passa de uma mistura híbrida de planta e de fantasma. Acaso vos disse eu que vos torneis planta ou fantasma?

Eu anuncio-vos o Super-homem!

O **Super-homem** é o **sentido da terra**. Diga a vossa vontade: seja o Super-homem, o sentido da terra.

Exorto-vos, meus irmãos, a **permanecer fiéis à terra** e a não acreditar naqueles que vos falam de esperanças supra-terrestres.

São envenenadores, quer o saibam ou não.

São menosprezadores da vida, moribundos que estão, por sua vez, envenenados, seres de quem a terra se encontra fatigada; vão-se por uma vez!

Noutros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias; mas Deus morreu, e com ele morreram tais blasfêmias. Agora, o mais espantoso é blasfemar da terra, e ter em maior conta as entranhas do impenetrável do que o sentido da terra.

Noutros tempos a alma olhava o corpo com desdém, e então nada havia superior a esse desdém: queria a alma um corpo fraco, horrível, consumido de fome! Julgava deste modo libertar-se dele e da terra.

Ó! Essa mesma alma era uma alma fraca, horrível e consumida, e para ela era um deleite a crueldade!

Irmãos meus,izei-me: que diz o vosso corpo da vossa alma? Não é a vossa alma, pobreza, imundície e conformidade lastimosa?

O homem é um rio turvo. É preciso ser um mar para, sem se taldar, receber um rio turvo.

Pois bem; eu vos anuncio o Super-homem; é ele esse mar; nele se pode abismar o vosso grande menosprezo.

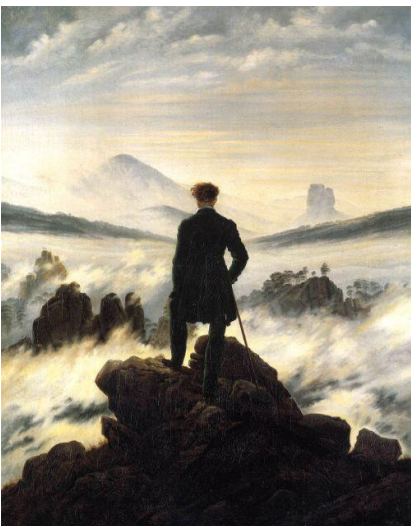
Arte:



Artista desconhecido.

Figuras (camelo, leão e criança) presentes na obra *Assim falava Zaratustra*, de Nietzsche. Fonte: <http://m.joyceproject.com/>

Übermensch: aceitar a vida não é o mesmo que aceitar o homem. O super-homem é a vontade de poder, determinando a nova ordem de valores. É o líder guerreiro, altamente disciplinado. É o novo homem que quebrará as velhas cadeias e criará um novo sentido na terra. É o homem que vai além do homem. O cristianismo e o platonismo doma o espírito, a alma e enfraquece a vontade de poder, da conquista, da paixão, do corpo. Para Nietzsche, o santo é o resultado do medo do inferno e não do amor à humanidade.



Caminhante sobre o mar de névoa (1818)

Autor: Caspar David Friedrich

A pintura encarna a essência dos princípios da estética romântica de paisagem, mostrando uma figura solitária contemplando uma imponente paisagem alpina de cima de um pico rochoso. Nos arredores da

Qual é a maior coisa que vos pode acontecer? Que chegue a hora do grande menosprezo, a hora em que vos enfastie a vossa própria **felicidade**, de igual forma que a vossa razão e a vossa virtude.

A hora em que digais: “Que importa a minha **felicidade**? É pobreza, imundície e conformidade lastimosa.

A minha felicidade, porém, deveria justificar a própria existência!”

A hora em que digais: “Que importa minha **razão**? Anda atrás do saber como o **leão** atrás do alimento. A minha razão é pobreza, imundície e conformidade lastimosa!”

A hora em que digais: “Que importa a minha **virtude**? Ainda me não enervou. **Como estou farto do meu bem e do meu mal**. Tudo isso é pobreza, imundície e conformidade lastimosa!”

A hora em que digais: “Que importa a minha **justiça**? Não vejo que eu seja fogo e carvão! O justo, porém, é fogo e carvão!”

A hora em que digais: “Que importa a minha **piedade**? Não é a piedade a cruz onde se crava aquele que ama os homens? Pois a minha piedade é uma crucificação”.

Já falaste assim? Já gritaste assim? Ah! Não vos ter eu ouvido a falar assim!

Não são os vossos pecados, é a vossa parcimônia que clama ao céu! A vossa mesquinhez até no pecado, isso é que clama ao céu!

Onde está, pois, o raio que vos lamba com a sua língua? Onde está o delírio que é mister inocular-vos?

Vede; eu anuncio-vos o **Super-homem**: “É ele esse **raio**! É ele esse **delírio**!”

Assim que Zaratustra disse isto, um da multidão exclamou: “Já ouvimos falar demasiado do que **dança na corda**; mostrá-lo agora”. **E toda a gente se riu de Zaratustra**. Mas o dançarino da corda, julgando que tais palavras eram com ele, pôs-se a trabalhar.

IV

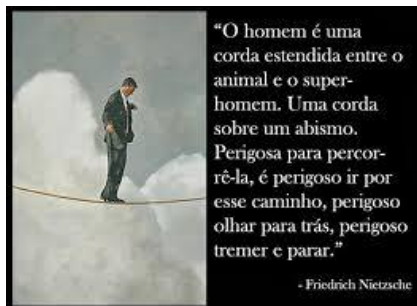
Entretanto, Zaratustra olhava a multidão, e assombrava-se. Depois falava assim:

“O homem é corda estendida entre o animal e o Super-homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar.

O grande do homem é ele ser uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento.

Eu só amo aqueles que sabem viver como que se extinguindo, porque são esses os que atravessam de um para outro lado.

paisagem os cumes próximos assomam no mar de névoa que se dissolve, além de uma montanha distante que se eleva sobre a cena, contra um céu luminoso. O autor usa um nevoeiro denso para obscurecer o que está entre as montanhas e, dessa maneira, criar um ar de mistério. Ao se observar a natureza imensa, dá-se a sensação de perda no infinito.



Conceitos e ideias de Nietzsche:

Superação de si: Ele nega a moral vigente e busca valores autênticos e originais, relacionados a sua interioridade, relacionados a vida, a terra. Os problemas da minha vida não são culpa de Deus, dos meus pais, da religião, da filosofia, do professor, dos meus amigos, mas de mim mesmo. Eu devo superar minhas limitações e problemas a partir do encontro comigo mesmo. O homem que se supera é ético e responsável, vive de acordo com sua vontade de potência, sua natureza, sua vida.

Vontade de potência: *“E sabeis... o que é pra mim o mundo”?... Este mundo: uma monstruosidade de força, sem princípio, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força... uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimos, ou rendimento,... mas antes como força ao mesmo tempo um e múltiplo,... eternamente mudando, eternamente recorrentes... partindo do mais simples ao mais múltiplo, do quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez... esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, sem alvo, sem vontade... Esse mundo é a vontade de potência — e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência — e nada além disso!”*

Amo os grandes desdenhosos, porque são os grandes adoradores, as setas do desejo ansiosas pela outra margem.

Amo os que não procuram por detrás das estrelas uma razão para morrer e oferecer-se em sacrifício, mas se sacrificam pela terra, para que a terra pertença um dia ao Super-homem.

Amo o que vive para conhecer, e que quer conhecer, para que um dia viva o Super-homem, porque assim quer o seu acabamento.

Amo o que trabalha e inventa, a fim de exigir uma morada ao Super-homem e preparar para ele a terra, os animais e as plantas, porque assim quer o seu acabamento.

Amo o que ama a sua virtude, porque a virtude é vontade de extinção e uma seta do desejo.

Amo o que não reserva para si uma gota do seu espírito, mas que quer ser inteiramente o espírito da sua virtude, porque assim atravessa a ponte como espírito.

Amo o que faz da sua virtude a sua tendência e o seu destino, pois assim, por sua virtude, quererá viver ainda e deixar de viver.

Amo o que não quer ter demasiadas virtudes. Uma virtude é mais virtude do que duas, porque é mais um nó a que se aferra o destino.

Amo o que prodigaliza a sua alma, o que não quer receber agradecimentos nem restitui, porque dá sempre e se não quer preservar.

Amo o que se envergonha de ver cair o dado a seu favor e que pergunta ao ver tal: “Serei um jogador fraudulento?” porque quer submergir-se.

Amo o que solta palavras de ouro perante as suas obras e cumpre sempre com usura o que promete, porque quer perecer.

Amo o que justifica os vindouros e redime os passados, porque quer que o combatam os presentes.

Amo o que castiga o seu Deus, porque ama o seu Deus, pois a cólera do seu Deus o confundirá.

Amo aquele cuja alma é profunda, mesmo na ferida, e ao que pode aniquilar um leve acidente, porque assim de bom grado passará a ponte.

Amo aquele cuja alma transborda, a ponto de se esquecer de si mesmo e quanto esteja nele, porque assim todas as coisas se farão para sua ruína.

Amo o que tem o espírito e o coração livres, porque assim a sua cabeça apenas serve de entranhas ao seu coração, mas o seu coração, o leva a sucumbir.

Amo todos os que são como gotas pesadas que caem uma a uma da sombria nuvem suspensa sobre os homens, anunciam o relâmpago próximo e desaparecem como anunciadores.

Vede: eu sou um anúncio do raio e uma pesada gota procedente da nuvem; mas este raio chama-se o Super-homem”.

Conceitos e ideias de Nietzsche:

Apolíneo: relativo ou pertencente a Apolo (jovem deus da mitologia grega); relacionado à razão, saber, luz, inteligência, civilização e moralidade.

Dionisiaco: relativo ao deus grego Dioniso ou Dionísio, também conhecido, entre os romanos, pelo nome de Baco, de simbologia ampla mas ger. ligada às festas campestres, ao vinho, aos ciclos vitais (nascimento, morte, renascimento) e da fecundidade humana, animal e vegetal.



Representação de Apolo e Dionísio

Filosofia:



Schopenhauer (1788-1860)

Schopenhauer que motivou Friedrich Nietzsche a ingressar no mundo da filosofia e que mais tarde serviu de base para toda a obra psicanalítica de Sigmund Freud, tendo também fortemente influenciado o pensamento e teorias de Carl Gustav Jung.

V

Pronunciadas estas palavras, Zaratustra tornou a olhar o povo, e calou-se. “Riem-se — disse o seu coração. — Não me compreendem; a minha boca não é a boca que estes ouvidos necessitam.

Terei que principiar por lhes destruir os ouvidos para que aprendam a ouvir com os olhos? Terei que atroar à maneira de timbales ou de pregadores de Quaresma? Ou só acreditarão nos gagos?

De qualquer coisa se sentem orgulhosos. Como se chama então, isso de que estão orgulhosos? Chama-se **civilização**: é o que se distingue dos cabreiros.

Isto, porém, não gostam eles de ouvir, porque os ofende a palavra “desdém”.

Falar-lhes-ei, portanto, ao orgulho.

Falar-lhes-ei do mais desprezível que existe, do **último homem**.

E Zaratustra falava assim ao povo:

“É tempo que o homem tenha um objetivo.

É tempo que o homem cultive o germe da sua mais elevada esperança.

O seu solo é ainda bastante rico, mas será pobre, e nele já não poderá medrar nenhuma árvore alta.

Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem já não lançará por sobre o homem a seta do seu ardente desejo e em que as cordas do seu arco já não poderão vibrar.

Eu vos digo: é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante.

Eu vos digo: tendes ainda um caos dentro de vós outros.

Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem já não dará a luz às estrelas; aproxima-se o tempo do mais desprezível dos homens, do que já se não pode desprezar a si mesmo.

Olhai! Eu vos mostro o **último homem**.

Que vem a ser isso de amor, de criação, de ardente desejo, de estrela? — pergunta o **último homem**, revirando os olhos.

A terra tornar-se-á então pequena, e sobre ela andará aos pulos o **último homem**, que tudo apouca. A sua raça é indestrutível como a da pulga; o **último homem** é o que vive mais tempo.

“Descobrimos a felicidade” — dizem os **últimos homens**, e piscam os olhos.

Abandonaram as comarcas onde a vida era rigorosa, porque uma pessoa necessita calor. Ainda se quer ao vizinho e se roçam pelo outro, porque uma pessoa necessita calor.

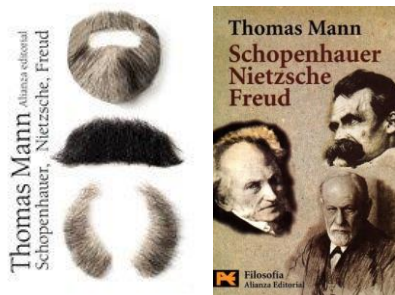
Enfraquecer e desconfiar parece-lhes pecaminoso; anda-se com cautela. Insensato aquele que ainda tropeça com as pedras e com os homens!

Algum veneno uma vez por outra, é coisa que proporciona

Vocabulário:

Último homem: o último homem, esse humano impotente, doente, cansado da vida. Os últimos homens representam a pequenez no humano, e aparecem na fala de Zaratustra, como a antítese do super-homem. Os últimos homens são “últimos” porque não almejam nada para além da preservação de sua vida: eles não querem se superar, mas apenas viver sem sofrimentos, maximizar seu “bem-estar”. Por isso, eles “deixaram as regiões onde era duro viver” e “inventaram a felicidade”.

Literatura/psicologia/filosofia:



Livro escrito por Thomas Mann (1875-1955) sobre Schopenhauer Nietzsche e Freud. “Pode-se com todo o direito ver na psicanálise, esse notável rebento do espírito científico-cultural, algo de grande e admirável, uma descoberta”.

Filme/Literatura/Filosofia:



Quando Nietzsche Chorou é o primeiro romance do psicoterapeuta e professor Irvin D. Yalom que mescla elementos reais com a ficção. Obra que traça paralelo entre ficção e realidade e apresenta personagens históricos como Josef Breuer, influenciador do futuro pai da psicanálise: Sigmund Freud, e o filósofo Friedrich Nietzsche.

agradáveis sonhos. E muitos venenos no fim para morrer agradavelmente.

Trabalha-se ainda porque o trabalho é uma distração; mas faz-se de modo que a distração não debilite.

Já uma pessoa se não torna nem pobre nem rica; são duas coisas demasiado difíceis. Quem quererá ainda governar? Quem quererá ainda obedecer? São duas coisas demasiado custosas.

Nenhum pastor, e só um rebanho! Todos querem o mesmo, todos são iguais: o que pensa de outro modo vai por seu pé para o manicômio.

“Noutro tempo toda a gente era doida” — dizem os perspicazes, e reviram os olhos.

É-se prudente, e está-se a par do que acontece: desta maneira pode-se zombar sem cessar. Questiona-se ainda, mas logo se fazem as pazes; o contrário altera a digestão.

Não falta um pouco de prazer para o dia e um pouco de prazer para a noite; mas respeita-se a saúde.

“Descobrimos a felicidade” — dizem os **últimos homens** — e reviram os olhos.

Aqui acabou o primeiro discurso de Zaratustra, — que também se chama preâmbulo — porque neste ponto foi interrompido pelos gritos e pelo alvoroço da multidão. **“Dá-nos esse último homem, Zaratustra — exclamaram — torna-nos semelhantes a esses últimos homens! perdoar-te-emos o Super-homem”.**

E todo o povo era alegria. Zaratustra entristeceu e disse consigo:

“Não me compreendem; não. Não é da minha boca que estes ouvidos necessitam.

Vivi demais nas montanhas, escutei demais os arroios e as árvores, e agora lhes falo como um pastor.

A minha alma é sossegada e luminosa como o monte pela manhã; mas eles julgam que sou um frio e astuto chocareiro.

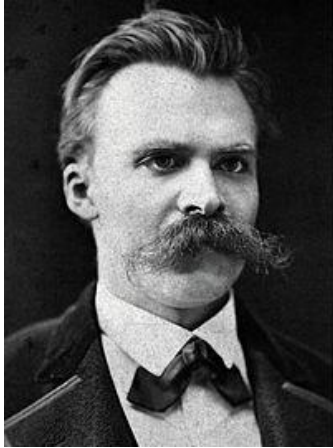
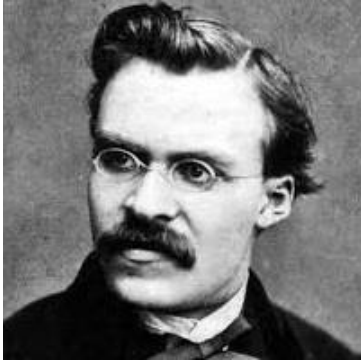
Ei-los olhando-me e rindo-se, e enquanto se riem, continuam a odiar-me. **Há gelo em seus risos”.**

VI

Sucedeu, porém, qualquer coisa que fez emudecer todas as bocas e atraiu todos os olhares.

Entrementes pusera-se a trabalhar o volteador; saíra de uma pequena porta e andava pela corda presa a duas torres sobre a praça pública e a multidão.

Quando estava justamente na metade do caminho abriu-se outra vez a portinhola, donde saltou o segundo acrobata que parecia um palhaço com as suas mil cores, o qual seguiu rapidamente o primeiro. “Depressa, bailarino! — gritou a sua horrível voz. — Depressa, mandrião, manhoso, cara deslavada! Olha que te piso os calcanhares!



Fotos de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Sua filosofia central é a ideia de "afirmação da vida", que envolve questionamento de qualquer doutrina que drene uma expansiva de energias, não importando o quão socialmente predominante essas ideias poderiam ser. Nietzsche começou sua carreira como filólogo clássico— um estudioso da crítica textual grega e romana— antes de se voltar para a filosofia. Em 1869, aos vinte e quatro anos, foi nomeado para a cadeira de Filologia Clássica na Universidade de Basileia, a pessoa mais jovem a ter alcançado esta posição. Em 1889, com quarenta e quatro anos de idade, sofreu um colapso e uma perda completa de suas

Que fazes aqui entre estas torres? Na torre devias tu estar metido; obstruis o caminho a outro mais ágil do que tu!” E a cada palavra se aproximava mais, mas, quando se encontrou a um passo, sucedeu essa coisa terrível que fez calar todas as bocas e atraiu todos os Olhares; lançou um grito diabólico e saltou por cima do que lhe interceptava o caminho.

Este, ao ver o rival vitorioso, perdeu a cabeça e a corda, largou o balancim e precipitou-se no abismo como um remoinho de braços e pernas. A praça pública e a multidão pareciam o mar quando se desencadeia a tormenta. Todos fugiram atropeladamente, em especial do sítio onde deveria cair o corpo.

Zaratustra permaneceu imóvel, e junto dele caiu justamente o corpo, destroçado, mas vivo ainda. Passado um momento o ferido recuperou os sentidos e viu Zaratustra ajoelhado junto de si. “Que fazes aqui? — lhe disse. Já há tempo que eu sabia que o diabo me havia de derrubar. Agora arrasta-me para o inferno. Queres impedi-lo?”

“Amigo — respondeu Zaratustra — palavra de honra que tudo isso de que falas não existe, não há diabo nem inferno. A tua alma ainda há de morrer mais depressa do que o teu corpo; nada temas”.

O homem olhou receoso. “Se dizes a verdade — respondeu — nada perco ao perder a vida. Não passo de uma besta que foi ensinada a dançar a poder de pancadas e de fome”.

“Não — disse Zaratustra — fizeste do perigo o teu ofício, coisa que não é para desprezar.

Agora por causa do teu ofício sucumbes e atendendo a isso vou enterrar-te por minha própria mão”.

O moribundo já não respondeu, mas moveu a mão como se procurasse a de Zaratustra para lhe agradecer.

VII

Abeirava-se a noite, e a praça sumia-se nas trevas. Então a multidão dispersou-se porque até a curiosidade e o pavor se cansam. Sentado ao pé do cadáver, Zaratustra encontrava-se tão abismado nas suas reflexões que se esqueceu do tempo. Fez-se noite e sobre o solitário soprou um vento frio. Zaratustra ergueu-se então, e disse consigo:

“Na verdade, Zaratustra fez hoje uma boa pesca! Não alcançou um homem, mas um cadáver!

Coisa para nos preocupar é a vida humana, e sempre vazia de sentido: um trovão lhe pode ser fatal!

Quero ensinar aos homens o sentido da sua existência, que é o Super-homem, o relâmpago que brota da sombria nuvem homem.

Estou, porém, longe deles, e o meu sentido nada diz aos seus sentidos. Para os homens sou uma coisa intermediária entre o doido e o cadáver.

faculdades mentais. A composição foi posteriormente atribuída a paresia geral atípica devido a sífilis terciária, mas este diagnóstico vem entrado em questão. Nietzsche viveu seus últimos anos sob os cuidados de sua mãe até a morte dela em 1897, depois ele caiu sob os cuidados de sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, até falecer, em 1900. Como sua cuidadora, sua irmã assumiu o papel de curadora e editora de seus manuscritos. Förster-Nietzsche era casada com um proeminente nacionalista e antissemita alemão, Bernhard Förster, e retrabalhou escritos inéditos de Nietzsche para se adequar a ideologia de seu marido, muitas vezes de maneiras contrárias às suas opiniões expressas, que estavam fortemente e explicitamente opostas ao antissemitismo e nacionalismo. Através de edições de Förster-Nietzsche, o nome de Friedrich tornou-se associado com o militarismo alemão e o nazismo, mas estudiosos posteriores do século XX vêm tentando neutralizar esse equívoco de suas ideias.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Nietzsche

MPB / Música:

Chico Buarque

Vida (1980)

Vida, minha vida / Olha o que é que eu fiz / Deixei a fatia / Mais doce da vida / Na mesa dos homens / De vida vazia / Mas, vida, ali / Quem sabe, eu fui feliz / Vida, minha vida / Olha o que é que eu fiz / Verti minha vida / Nos cantos, na pia / Na casa dos homens / De vida vadia / Mas, vida, ali / Quem sabe, eu fui feliz

Luz, quero luz, / Sei que além das cortinas / São palcos azuis / E infinitas cortinas / Com palcos atrás / Arranca, vida / Estufa, veia / E pulsa, pulsa, pulsa, / Pulsa, pulsa mais / Mais, quero mais / Nem que todos os barcos / Recolham ao cais / Que os faróis da costeira / Me lancem sinais / Arranca, vida / Estufa, vela / Me leva, leva longe / Longe, leva mais

Vida, minha vida / Olha o que é que eu fiz / Toquei na ferida / Nos nervos, nos fios / Nos olhos dos homens / De olhos sombrios / Mas, vida, ali / Eu sei que fui feliz

CHICO BUARQUE



Vida é um álbum do músico brasileiro Chico Buarque, lançado em 1980.

Escura é a noite, escuros são os caminhos de Zaratustra. Vem, companheiro frio e rígido! Levar-te-ei ao sítio onde por minha mão te enterrarei”.

VIII

Dito isto ao seu coração, Zaratustra deitou o cadáver às costas e pôs-se a caminho. Ainda não andara cem passos quando se lhe acercou furtivamente um homem e lhe falou baixinho ao ouvido. O que falava era o palhaço da torre. Eis o que lhe dizia: — “Sai desta cidade, Zaratustra, — há aqui demasiada gente que te odeia. Os bons e os justos odeiam-te e chamam-te seu inimigo e desprezador; os fiéis da verdadeira crença odeiam-te e dizem que és o perigo da multidão. Ainda tiveste sorte em zombarem de ti, e na verdade falavas como um truão. Tiveste sorte em te associar a esse vilão desse morto; rebaixando-te, por essa forma salvaste-te por hoje; mas sai desta cidade, ou amanhã salto eu por cima de ti, um vivo por cima de um morto”. E o homem desapareceu, e Zaratustra seguiu o seu caminho pelas escuras ruas.

À porta da cidade encontrou os coveiros.

Estes aproximaram-lhe da cara as enxadas, e conheceram Zaratustra e troçaram muito dele. “Zaratustra leva o indigno morto! Bravo! Zaratustra tornou-se coveiro! As nossas mãos são puras demais para tocar nessa peça! Com que então Zaratustra quer roubar o pitéu ao demônio! Bom proveito! Isto se o diabo não for melhor ladrão que Zaratustra e os não roubar aos dois!” E riam entre si, cochichando.

Zaratustra não respondeu palavra e seguiu seu caminho. Passadas duas horas a andar à beira de bosques e de lagoas; já ouvira latir os lobos esfomeados, e também a ele o atormentava a fome. Por esse motivo parou diante de uma casa isolada onde brilhava uma luz.

“Apodera-se de mim a fome como um salteador — disse Zaratustra: — no meio dos bosques e das lagoas e na escura noite me surpreende.

A minha fome tem estranhos caprichos. Em geral só me aparece depois de comer, e hoje em todo o dia não me apareceu. Onde se entreteria então?”

Assim dizendo, Zaratustra bateu à porta da casa. Logo apareceu um velho com uma luz e perguntou: “Quem se abeira de mim e do meu fraco sono?”

“Um vivo e um morto — respondeu Zaratustra. — Dá-me de comer e de beber; esqueci-me de o fazer durante o dia. Quem dá de comer ao faminto reconforta a sua própria alma: assim falava a sabedoria”.

O velho retirou-se; mas tornou no mesmo instante e ofereceu a Zaratustra pão e vinho. “Ruim terra é esta para os que têm fome — disse ele — por isso eu habito nela. Homens e animais de mim se aproximam, de mim, o solitário. Mas chama

MPB / Música:

Gilberto Gil

Super-Homem – A canção

Um dia / Vivi a ilusão de que
ser homem bastaria

Que o mundo masculino tudo
me daria / Do que eu quisesse
ter

Que nada / Minha porção
mulher, que até então se
resguardara

É a porção melhor que trago
em mim agora

É que me faz viver

Quem dera / Pudesse todo
homem compreender, oh, mãe,
quem dera

Ser o verão o apogeu da
primavera / E só por ela ser /

Quem sabe / O Superhomem
venha nos restituir a glória /

Mudando como um deus o
curso da história

Por causa da mulher.



Caetano Veloso e Gilberto Gil

"Sem a música, a vida
seria um erro."

Friedrich Nietzsche



"Demore o tempo que
for para decidir o que
você quer da vida, e
depois que decidir
não recue ante
nenhum pretexto,
porque o mundo
tentará te dissuadir."

Friedrich Nietzsche

também o teu companheiro para comer e beber; está mais cansado do que tu". Zaratustra respondeu: "O meu companheiro está morto; não é fácil decidi-lo a comer". "Nada tenho com isto — resmungou o velho. — O que bate à minha porta deve receber o que lhe ofereço. Come, e passa bem".

Zaratustra tornou a andar outras duas horas, confiando-se ao caminho e à luz das estrelas, porque estava acostumado às caminhadas noturnas e gostava de contemplar tudo quanto dorme. Quando principiou a raiar a aurora encontrava-se num espesso bosque e já não via nenhum caminho. Então colocou o cadáver no côncavo de uma árvore à altura da sua cabeça — pois queria livrá-lo dos lobos — e deitou-se no solo sobre a relva. No mesmo instante adormeceu cansado de corpo, mas com a alma tranquila.

IX

Zaratustra dormiu muito tempo e por ele passou não só a aurora mas toda a manhã. Por fim abriu os olhos, e olhou admirado no meio do bosque e do silêncio; **admirado olhou para dentro de si mesmo.** Ergueu-se precipitado, como navegante que de súbito avista terra, e **soltou um grito de alegria porque vira uma verdade nova.** E falou deste modo ao seu coração:

"Um raio de luz me atravessa a alma: preciso de companheiros, mas vivos, e não de companheiros mortos e cadáveres, que levo para onde quero.

Preciso de companheiros, mas vivos, que me sigam — **porque desejem seguir-se a si mesmos — para onde quer que eu vá.**

Um raio de luz me atravessa a alma: não é à multidão que Zaratustra deve falar, mas a **companheiros!** Zaratustra não deve ser pastor e cão de um rebanho!

Para apartar muitos do rebanho, foi para isso que vim. O povo e o rebanho irritam-se comigo. Zaratustra quer ser acoimado de ladrão pelos pastores.

Eu digo pastores, mas eles a si mesmos se chamam os fiéis da verdadeira crença!

Vede os bons e os justos! a quem odeiam mais? A quem lhes despedaça as tábuas de valores, ao infrator, ao destruidor. É este, porém, o criador.

O criador procura companheiros, não procura cadáveres, rebanhos, nem crentes; procura colaboradores que inscrevam valores novos ou tábuas novas.

O criador procura companheiros para seguir com ele; porque tudo está maduro para a ceifa. Faltam-lhe, porém, as cem foices, e por isso arranca espigas, contrariado.

Companheiros que saibam afiar as suas foices, eis o que procura o criador. Chamar-lhes-ão destruidores e desprezadores do bem e do mal, mas eles hão de ceifar e descansar.

Vídeos para entender Nietzsche:

1) Nietzsche – Filosofia Para o Dia a Dia com Alain de Botton



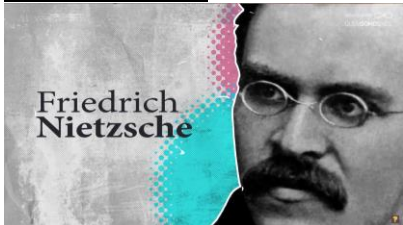
<https://youtu.be/1dQjnrTb3Jc>

2) Café Filosófico – Nietzsche – com Viviane Mosé



<https://youtu.be/wszgKT2zS-c>

3) Friedrich Nietzsche por Scarlett Marton



Friedrich Nietzsche por Scarlett Marton (temas que você irá encontrar no vídeo: prazer, razão, vontade de potência, mitologia, Apolo, Dionísio, superação de si, natureza, cultura, transvaloração dos valores, morais, moral do senhor/nobre, moral do escravo, religião, cristianismo, bondade, maldade, nazismo, falsificações de textos, história do filósofo, problemas contemporâneos, etc).

<https://www.youtube.com/watch?v=5L2K6HKrEyA>

Colaboradores que ceifem e descansem com ele, eis o que busca Zaratustra. Que se importa ele com rebanhos, pastores e cadáveres?

E tu, primeiro companheiro meu, descansa em paz! Enterrei-te bem, na tua árvore oca, deixo-te bem defendido dos lobos.

Separo-me, porém, de ti; já passou o tempo. Entre duas auroras me iluminou uma nova verdade.

Não devo ser pastor nem coveiro. Nunca mais tornarei a falar ao povo; pela última vez falei com um morto.

Quero unir-me aos criadores, aos que colhem e se divertem; mostrar-lhes-ei o arco-íris e todas as escadas que levam ao Super-homem.

Entoarei o meu cântico aos solitários e aos que se encontram juntos na solidão; e a quem quer que tenha ouvidos para as coisas inauditas esmagarei lhes o coração com a minha ventura.

Caminho para o meu fim; sigo o meu caminho; saltarei por cima dos negligentes e dos retardados. Desta maneira será a minha marcha o seu fim!”

X

Assim falava Zaratustra ao seu coração quando o sol ia em meio do seu curso; depois dirigiu para as alturas um olhar interrogador porque ouvia por cima de si o grito penetrante de uma ave. E viu uma **águia** que pairava nos ares traçando largos rodeios e sustentando uma **serpente** que não parecia uma presa, mas um aliado, porque se lhe enroscava ao pescoço.

“São os meus animais! — disse Zaratustra, e regozijou-se intimamente.

O animal mais arrogante que o sol cobre e o animal mais astuto que o sol cobre saíram em exploração.

Queriam descobrir se Zaratustra ainda vivia. Ainda viverei, deveras?

Encontrei mais perigos entre os homens do que entre os animais; perigosas sendas segue Zaratustra. Guiem-me os meus animais.”

Depois de dizer isto, Zaratustra recordou-se das palavras do santo do bosque, suspirou e falou assim ao seu coração:

“Devo ser mais judicioso! Devo ser tão profundamente astuto como a minha serpente.

Peço, porém, o impossível; rogo, portanto, a minha altivez que me acompanhe sempre a prudência!

E se um dia a prudência me abandonar — ai! agrada-lhe tanto fugir! — possa sequer a minha altivez voar com a minha loucura!”

Assim começou o caso de Zaratustra.

A FILOSOFIA NO ENEM E NOS VESTIBULARES

1. (Ufsm 2015) A necessidade de conviver em grupo fez o homem desenvolver estratégias adaptativas diversas. Darwin, num estudo sobre a evolução e as emoções, mostrou que o reconhecimento de emoções primárias, como raiva e medo, teve um papel central na sobrevivência. Estudos antigos e recentes têm mostrado que a moralidade ou comportamento moral está associado a outros tipos de emoções, como a vergonha, a culpa, a compaixão e a empatia. Há, no entanto, teorias éticas que afirmam que as ações boas devem ser motivadas exclusivamente pelo dever e não por impulsos ou emoções. Essa teoria é a ética

- a) deontológica ou kantiana.
- b) das virtudes.
- c) utilitarista.
- d) contratualista.
- e) teológica.

Resposta:

[A] A ética das virtudes é uma ética aristotélica onde a ação é guiada para um bem maior movido pela reflexão pessoal, desenvolvida pela busca da auto realização e felicidade de toda a cidade. A ética utilitarista estabelece que nossas ações são guiadas pela maior quantidade de felicidade que podemos gerar no convívio social. Assim, os homens agem devido a um interesse maior imposto exteriormente. Na ética contratualista, devido a necessidade de conviver juntos, como melhor alternativa para sobrevivência, os homens estabelecem leis que visam garantir uma não agressão mútua. Assim, suas ações são guiadas por uma conveniência, um pacto ou contrato estabelecido. Na ética teológica as ações são guiadas por princípios divinos que ultrapassam a esfera humana e se inserem no plano transcendental. Assim, as ações humanas são guiadas pelo medo em relação ao transcendente. Diferentemente, na ética Kantiana ou deontológica, os homens agem de forma deliberada na medida em que utilizam a razão para adquirirem consciência. Por meio do conhecimento obtido com o uso da razão o homem torna-se livre para agir. Assim, a ação guiada pela razão faz com que o homem tenha o dever de estender essa razão a todos os homens. Isto se dá através da criação de máximas (leis universalmente aceitas) que se convertem em imperativos para agir. Estes imperativos poder ser utilizados por todos os homens racionais e não são dados por inclinações naturais ou por meio de princípios transcendentais, mas pela consciência do dever em relação a si e aos que os cercam. Portanto, esta lei moral representa o dever de todo ser racional e se coloca como maior do que os sentimentos individuais e egoístas.

2. (Ufmg 2013) Os filósofos têm procurado resolver dilemas morais recorrendo a princípios gerais que permitiriam ao agente encontrar a decisão correta para toda e qualquer questão moral. Na filosofia moderna foram apresentados dois princípios dessa natureza, que podem ser formulados do seguinte modo:

- I. Princípio do Imperativo Categórico: *Age de modo que a máxima de tua ação possa ao mesmo tempo se converter em lei universal*
- II. Princípio da Maior Felicidade: *Dentre todas as ações possíveis, escolha aquela que produzirá uma quantidade maior de felicidade para os afetados pela ação.*

Imagine a seguinte situação:

Um trem desgovernado vai atingir cinco pessoas que trabalham desprevenidas sobre os trilhos. Alguém observando a situação tem a chance de evitar a tragédia, bastando para isso que ele acione uma alavanca que está ao seu alcance e que desviará o trem para outra linha. Contudo, ao ser desviado de sua trajetória, o trem atingirá fatalmente uma pessoa que se encontra na outra linha. O observador em questão deve tomar uma decisão que altera significativamente o destino das pessoas envolvidas na situação.

Essa situação é típica de um dilema moral, pois qualquer que seja a nossa decisão, ela terá implicações que preferiríamos evitar. Considere os princípios morais **I** e **II** acima e RESPONDA às seguintes questões:

- a) Se o observador em questão fosse um adepto do Princípio **I**, ele deveria ou não alterar a trajetória do trem? Como ele justificaria a sua decisão?
- b) Se o observador em questão fosse um adepto do Princípio **II**, ele deveria ou não alterar a trajetória do trem? Como ele justificaria a sua decisão?

Resposta:

Primeiramente, devemos ter consciência da perversidade dessa questão. No caso de A, o observador, se for seguir a regra moral kantiana, simplesmente não poderá tomar nenhuma das decisões indicadas no enunciado, pois em ambos os casos a sua ação não poderá ser universalizada. Se ele proteger o indivíduo que está na outra linha de trem, ele matará todos os outros que estão trabalhando desprevenidos; e se ele salvar todos os outros ele irá, todavia, assassinar o que está inocentemente na linha ao lado. Portanto, ele não teria como universalizar a sua ação, pois esta ação sempre realizaria um homicídio e é impensável a universalização de uma ação que cause um homicídio. No caso de B, o raciocínio é similar, pois se a ação escolhida deve ser aquela cuja felicidade dos envolvidos seja a maior possível, então, como todas as escolhas do observador afetam fatalmente pelo um dos envolvidos, não seria possível para o observador escolher uma ação que resulte na felicidade de todos os envolvidos.

3. (Ufu 2013) Autonomia da vontade é aquela sua propriedade graças à qual ela é para si mesma a sua lei (independentemente da natureza dos objetos do querer). O princípio da autonomia é, portanto: não escolher senão de modo a que as máximas da escolha estejam incluídas simultaneamente, no querer mesmo, como lei universal.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 85.

De acordo com a doutrina ética de Kant:

- a) O Imperativo Categórico não se relaciona com a matéria da ação e com o que deve resultar dela, mas com a forma e o princípio de que ela mesma deriva.
- b) O Imperativo Categórico é um cânone que nos leva a agir por inclinação, vale dizer, tendo por objetivo a satisfação de paixões subjetivas.
- c) Inclinação é a independência da faculdade de apetição das sensações, que representa aspectos objetivos baseados em um julgamento universal.
- d) A boa vontade deve ser utilizada para satisfazer os desejos pessoais do homem. Trata-se de fundamento determinante do agir, para a satisfação das inclinações.

Resposta:

[A] Em terminologia kantiana, a boa vontade é aquela cujo voluntarismo é totalmente determinado por demandas morais ou, como o filósofo normalmente se refere a isso, pela Lei Moral. Kant distingue dois tipos de lei produzidos pela razão. Dado certo fim que nós gostaríamos de alcançar, a razão pode proporcionar um *imperativo hipotético* – uma regra contingente e circunstancial como fundamento da ação – ou um *imperativo categórico* – uma regra necessária e universal como fundamento da ação. Como uma Lei Moral não pode ser meramente hipotética, pois uma ação moral não pode ser fundada sobre um propósito circunstancial, a moralidade exige uma afirmação incondicional do dever de um indivíduo, ou seja, a moralidade exige uma regra para ação que seja necessária e universal, ela exige um *imperativo categórico*.

4. (Uel 2013) Leia a tirinha e o texto a seguir.



(Adaptado de: <<http://umasreflexoes.blogspot.com.br/2012/03/filosofia-e-etica.html>>. Acesso em: 30 ago. 2012.)

A visão de Kant sobre o Iluminismo articula-se com sua filosofia moral da seguinte forma: o propósito iluminista é abandonar a menoridade intelectual para se pensar autonomamente. Além disso, pensar por si mesmo não significa a rigor ceder aos desejos particulares. Portanto, o iluminista não defende uma anarquia de princípios e de ação; trata-se, sim, de elevar a moral ao nível da razão, como uma legisladora universal que decide sobre máximas que se aplicam a todos indistintamente.

(BORGES, M. L.; DALL'AGNOL, D.; DUTRA, D. V. *Ética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.22-23.)

- a) De acordo com a filosofia moral kantiana, explique a diferenciação entre autonomia e heteronomia.
- b) Explícite o significado do imperativo categórico de Kant e o relacione com a tirinha.

Resposta:

- a) Enquanto a autonomia refere-se à capacidade de autodeterminação da vontade com o propósito de realizar uma ação a partir de um princípio racional, isto é, somente determinado pela imposição do dever de cumprir aquilo que foi previamente designado pela razão, a heteronomia refere-se a ações realizadas sob a influência de elementos externos à própria razão. Trata-se de casos em que a determinação da vontade humana se dá mediante influência externa à própria razão, como o cumprimento de mandamentos divinos, ou o impulso na direção de um desejo supérfluo, ou o contexto degradante como no caso da tirinha, etc.
- b) O imperativo categórico é um procedimento formal segundo o qual pela própria razão se disporia das condições de discriminação de quais máximas subjetivas são universalizáveis, isto é, quais se enquadrariam em uma possível legislação universal. No caso da tirinha, o Imperativo Categórico é demonstrado na medida em que o personagem, diante de um conflito de ação, pondera o valor desta sua ação através do imperativo de que ela será necessária se, e somente se, puder ser

universalizada.

5. (Unioeste 2012) “Como toda lei prática representa uma ação possível como boa e por isso como necessária para um sujeito praticamente determinável pela razão, todos os imperativos são fórmulas da determinação da ação que é necessária segundo o princípio de uma vontade boa de qualquer maneira. No caso da ação ser apenas boa como meio para *qualquer outra coisa*, o imperativo é *hipotético*; se a ação é representada como boa *em si*, por conseguinte, como necessária numa vontade em si conforme à razão como princípio dessa vontade, então o imperativo é *categórico*”.

Kant

Considerando o pensamento ético de Kant e o texto acima, é correto afirmar que

- a) o imperativo hipotético representa a necessidade prática de uma ação como subjetivamente necessária para um ser determinável pelas inclinações.
- b) o imperativo categórico representa a necessidade prática de uma ação como meio para se atingir um fim possível ou real.
- c) os imperativos (*hipotético* e *categórico*) são fórmulas de determinação necessária, segundo o princípio de uma vontade que é boa em si mesma.
- d) o imperativo categórico representa a ação como boa em si mesma e como necessária para uma vontade em si conforme a razão.
- e) o imperativo hipotético declara a ação como objetivamente necessária independentemente de qualquer intenção ou finalidade da ação.

Resposta:

[D] Kant distingue dois tipos de lei produzidos pela razão. Dado certo fim que nós gostaríamos de alcançar a razão pode proporcionar um *imperativo hipotético* – uma regra contingente para a ação alcançar esse fim. Um imperativo hipotético diz, por exemplo: se alguém deseja comprar um carro novo, então se deve previamente considerar quais tipos de carros estão disponíveis para compra. Mas Kant objeta que a concepção de uma lei moral não pode ser meramente hipotética, pois uma ação moral não pode ser fundada sobre um propósito circunstancial. A moralidade exige uma afirmação incondicional do dever de um indivíduo, a moralidade exige uma regra para ação que seja necessária, a moralidade exige um *imperativo categórico*.

6. (Ufsm 2012) O filósofo ganês Kwame Appiah escreveu o seguinte:

Em nossa vida privada somos moralmente livres para ter preferências 'estéticas' entre as pessoas, mas, como nosso tratamento delas levanta questões morais, não podemos fazer distinções arbitrárias. Usar a raça em si como uma distinção moralmente relevante parece-nos obviamente arbitrário. Sem características morais associadas, por que haveria a raça de fornecer uma base melhor do que a cor do cabelo, a altura ou o timbre da voz? E, quando duas pessoas compartilham todas as propriedades moralmente relevantes para uma ação que devemos praticar, seria um erro – uma incapacidade de aplicar a injunção kantiana de universalizar nossos juízos morais – usar os meros fatos da raça como base para tratá-las de maneira diferenciada.

Considere as seguintes afirmativas:

- I. A injunção kantiana de que trata o texto não é o imperativo categórico, mas é o imperativo hipotético.
 - II. Segundo Appiah, preferências 'estéticas' podem constituir a base das distinções morais.
 - III. Segundo Appiah, usar as raças em si como fundamento de distinções morais não é admissível.
- a) apenas I.
 - b) apenas II.
 - c) apenas III.

- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

Resposta:

[C] A presente questão é bem interessante, pois consegue relacionar conceitos filosóficos com problemas políticos contemporâneos. A injunção kantiana, a qual Appiah faz referência, corresponde ao imperativo categórico ("age de tal forma que a máxima de tua ação possa se tornar, por tua vontade, lei universal da natureza"). Segundo o filósofo ganês, é um erro considerar as raças e as preferências estéticas como fundamento para as distinções morais. Sendo assim, somente a afirmativa III está correta.

7. (Unesp 2011) Analise o trecho da entrevista dada pelo chefe de imprensa do governo do Irã a um jornal brasileiro.

Folha – Há preocupação quanto a uma mudança de posição do governo brasileiro, sobretudo na área de direitos humanos, depois que a presidente Dilma se manifestou contrariamente ao apedrejamento de Sakineh?

Ali Akbar Javanfekr – Encontrei poucas informações sobre a realidade iraniana aqui no Brasil. Há notícias distorcidas e falsas. Isso é preocupante. Minha presença aqui é para tentar divulgar as informações corretas. No caso de Sakineh, informações que chegaram à presidente Dilma Rousseff não foram corretas.

Folha – A presidente Dilma está mal informada?

Ali Akbar Javanfekr – Sim. Foi mal informada sobre esse caso.

Folha – É verdade, como diz o presidente Ahmadinejad, que não há gays no Irã?

Ali Akbar Javanfekr – Não temos.

Folha – É o único país do mundo que não tem gay?

Ali Akbar Javanfekr – Na República Islâmica do Irã, não há.

Folha – Se houver, há punições?

Ali Akbar Javanfekr – Nossa visão sobre esse tema é diferente da de vocês. É um ato feio, que nenhuma das religiões divinas aceita. Temos a responsabilidade humana, até divina, de não

aceitar esse tipo de comportamento. Existe uma ameaça sobre a saúde da humanidade. A Aids, por exemplo. Uma das raízes é esse tipo de relacionamento.

(Folha de S.Paulo, 14.03.2011.
Adaptado.)

Sob o ponto de vista ético, as opiniões expressas no trecho da entrevista podem ser caracterizadas como

- a) uma visão de mundo fortemente influenciada pelas matrizes liberais do pensamento filosófico.
- b) uma posição convencionalmente associada ao pensamento politicamente correto.
- c) uma visão de mundo fortemente influenciada pelo fundamentalismo religioso.
- d) opiniões que expressam afinidade com o imperativo categórico kantiano.
- e) posições condizentes com a valorização da consciência individual autônoma.

Resposta:

[C] O fundamentalismo religioso é considerado por muita gente um mal e por se caracterizar como um pensamento dogmático que não aceita mudança e refundação de seus argumentos eles acabam fazendo o que fazem, como afirmar nesta entrevista categoricamente a não existência de homossexuais em seu país, e fundamentando seus atos – que consideram éticos – nos dogmas e leis rígidas de sua própria religião.

8. (Uenp 2010) “Ora, propondo-me publicar, um dia, uma Metafísica dos costumes, faço-a preceder deste opúsculo que lhe serve de fundamentação. Decerto não há, um rigor, outro fundamento em que da possa assentar, de não seja a Crítica de uma

razão pura prática, do mesmo modo que, para fundamentar a Metafísica, se requer a Crítica da razão pura especulativa por mim já publicada.

Mas, em parte, a primeira destas Críticas não é de tão extrema necessidade como a segunda, porque em matéria moral a razão humana, mesmo entre o comum dos mortais, pode ser facilmente levada a alto grau de exatidão e de perfeição, ao passo que no seu uso teórico, mas puro, da é totalmente dialética; e, em parte, no que concerne à Crítica de uma razão pura prática, para que ela seja completa, reputo imprescindível que se mostre ao mesmo tempo a unidade da razão prática e da razão especulativa num princípio comum; pois que, em última instância, só pode haver uma e a mesma razão, e só na aplicação desta há lugar para distinções. Ora, não me seria possível aqui realizar um trabalho tão esmiuçado e completo, sem introduzir considerações de ordem inteiramente diferente e sem lançar a confusão no ânimo do leitor. Por isso, em vez de dar a este livrinho o título de Crítica da razão pura prática, denominei-o Fundamentação da Metafísica dos costumes.”

(Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes*, 1785)

Sobre a filosofia moral de Kant, é correto afirmar que:

- a) Kant pretende construir uma filosofia moral particularista que parte da conduta e da ação individual.
- b) A proposta kantiana de ética passa pelo conceito de imperativo categórico que pode ser reduzido na seguinte assertiva: age de tal forma, que a máxima de sua ação possa ser universal.
- c) Kant usava suas concepções éticas para justificar as dominações políticas dos povos não europeus.
- d) A ética kantiana é relativista, como a dos sofistas combatidos por Sócrates na antiguidade clássica.
- e) O que constitui o bem de uma vontade boa e aquilo que ela efetivamente alcança.

Resposta:

[B] O imperativo categórico é assim chamado por ser incondicional, absoluto, voltado para a realização da ação tendo em vista o dever. Para melhor entender, não se faz necessário agir bem para evitar a dor ou ser feliz, ou ainda para alcançar o céu ou livrar-se da condenação eterna, porque o agir moral funda-se exclusivamente na razão, pois é ela quem preserva a dignidade dos homens.

9. (Unioeste 2010) “Como toda lei prática representa uma ação possível como boa e por isso como necessária para um sujeito praticamente determinável pela razão, todos os imperativos são fórmulas de determinação da ação que é necessária segundo o princípio de uma vontade boa de qualquer maneira. No caso de a ação ser apenas boa como meio para *qualquer outra coisa*, o imperativo é *hipotético*; se a ação é representada como boa *em si*, por conseguinte, como necessária numa vontade em si conforme à razão como princípio dessa vontade, então o imperativo é *categórico*.”
(Kant)

A partir do texto fornecido acima, seguem as seguintes afirmações:

- I. Os imperativos hipotéticos, como também o imperativo categórico, são fórmulas que expressam mandamentos, como princípios subjetivos da vontade.
- II. Só o imperativo categórico, contrariamente ao imperativo hipotético, expressa o mandamento moral, como princípio objetivo da razão determinante da vontade como boa em si mesma.
- III. Os imperativos hipotéticos, da mesma forma que o imperativo categórico, são a expressão de princípios subjetivos da razão, para a determinação de uma ação que é boa de qualquer modo, na realização de fins absolutamente necessários e determinantes da razão pura, no seu interesse especulativo.
- IV. A diferença entre os imperativos hipotéticos e o imperativo categórico é a de que os primeiros, como princípios subjetivos da vontade, expressam os fundamentos absolutamente necessários do conhecimento objetivo e verdadeiro, não sendo

- necessários para o direcionamento do agir prático.
- V. O imperativo categórico é um princípio da razão que determina a vontade com vistas à realização de um fim qualquer, e em conformidade com as inclinações e desejos determinantes das ações do sujeito agente.

Das afirmações feitas acima

- a) apenas a afirmativa I está correta.
- b) apenas a afirmativa II está correta.
- c) apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
- d) apenas as afirmativas III e IV estão corretas.
- e) todas as afirmativas estão incorretas.

Resposta:

[B] Dentre todas as afirmações, somente a II está correta. Os imperativos categórico e hipotético estão bem diferenciados no texto do enunciado. Dentre eles, somente o imperativo categórico corresponde a uma lei moral e racional, usando-se o critério de poder ser universalizada para todos os sujeitos. Em contrapartida, o imperativo hipotético corresponde a uma ação boa somente em relação a um fim específico, não podendo ser universalizada por isso.

10. (Unicentro 2010) Segundo Immanuel Kant (1724-1804), a moral “não é propriamente dita a doutrina que nos ensina como *devemos* nos tornar felizes, mas como *devemos* nos tornar dignos da felicidade”

(KANT, *Crítica da Razão Prática*. Apud CHAUÍ (org.), *Primeira Filosofia*. São Paulo: Editora Brasilienses, 1987 – p. 261).

De acordo com a teoria moral kantiana, em que sentido devemos entender a noção de *dever*?

- a) A razão prática, para Kant, tem o poder para criar normas e fins morais e, por isso, tem também o poder para impô-los a si mesma. Essa imposição que a razão prática faz a si mesma daquilo que ela própria criou é o *dever*. Por *dever*, damos a nós mesmos os valores, os fins e as leis de nossa ação moral e por isso somos autônomos.
- b) O *dever*, afirma Kant, se apresenta através de um conjunto de conteúdos fixos, que define a essência de cada virtude e diz que atos devem ser praticados e evitados em cada circunstância específica de nossas vidas. Por isso, o *dever* é um imperativo categórico: ordena incondicionalmente embora não seja uma lei moral interior.
- c) O *dever* é uma imposição externa feita a nossa vontade. Não precisamos dele para nos tornar seres morais, precisamos, isto sim, da dignidade, livre-arbítrio e liberdade para agirmos de acordo com nossa consciência, que é a manifestação mais alta da humanidade em nós.
- d) Kant procura conciliar o *dever* e a ideia de uma natureza humana que não precisa ser obrigada à moral. Por natureza, diz Kant, somos seres morais, ou seja, a razão prática e a verdadeira liberdade não precisam nos impor nosso ser moral.
- e) Para Kant, a ética exige seres autônomos e a ideia de *dever* introduz a heteronomia, isto é, o domínio de nossa vontade e de nossa consciência por um poder estranho a nós.

Resposta:

[A] A moral kantiana diz respeito à razão prática. O dever corresponde à imposição que esta razão faz a si mesma. Isso é o mesmo que afirma a alternativa [A], a única correta. Vale ressaltar que o dever não se apresenta como conteúdos fixos, mas depende da capacidade racional e autônoma do homem.

11. (Uel 2010) Leia o texto a seguir:

Como determinamos as regras do que é certo ou errado? Immanuel Kant (1724-1804) responde a essa pergunta da seguinte forma: é moralmente correta a ação que está de acordo com determinadas regras do que é certo, independente da felicidade resultante a um ou a todos. Kant não propõe uma lista de regras com conteúdo previamente determinado - como é o caso dos mandamentos religiosos, por exemplo -, mas formula uma regra para averiguar a correção da máxima que orienta nossa ação. Essa regra de averiguação é chamada imperativo categórico [...]

(BORGES, M. de L.; DALL'AGNOL, D.; DUTRA, D. V. *O que você precisa saber sobre... Ética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.15.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o Imperativo Categórico kantiano, é correto afirmar:

- I. Constitui um princípio formal dado pela razão que visa à discriminação das máximas de ação, com a pretensão de verificar quais podem, efetivamente, enquadrar-se numa legislação universal.
- II. Representa a capacidade de a razão prática, do ponto de vista a priori, fornecer à vontade humana um dever incondicional com pretensão de universalidade e de necessidade.
- III. Compreende um princípio teleológico construído a partir da concepção valorativa do “bem viver” e que se impõe, como condição absoluta, na realização de ações e comportamentos das pessoas em geral.
- IV. Abrange a sabedoria prática, como condição inata de o ser humano deliberar e proceder, sempre de forma semelhante em relação às demais pessoas, no quesito das ações que envolvem virtude e prudência.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas II e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.

Resposta:

[A] O autêntico valor moral estaria, então, nas ações em que a vontade é guiada pelo *imperativo categórico*, que são também definidas por Kant como ações por dever. Nestas, não pode haver considerações sobre os efeitos da ação, ela tem de ser incondicionada e desinteressada, ou seja, devemos agir de forma correta porque é a forma correta de agir. Nesse caso, a vontade deve estar subordinada a uma lei posta pela razão, por isso nas palavras do filósofo: “*Devo proceder de modo que eu possa querer que a minha máxima, aquilo que determina minha vontade a agir, seja uma lei universal*”. A título de exemplo para melhor ser entendido, em outras palavras, devo não me corromper ainda que tenha a certeza da minha impunidade. Devo não cobiçar a riqueza do próximo ainda que não tema o julgamento de Deus a esse respeito.

12. (Unicentro 2010) O fragmento de texto, logo abaixo, é de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Analise-o, tendo como referência seus conhecimentos sobre o tema, e julgue as assertivas que o seguem, apontando a(s) correta(s).

“Todo filosofar moderno está política e policialmente limitado à aparência erudita, por governos, igrejas, academias, costumes, modas, covardias dos homens: ele permanece no suspiro: ‘mas se...’ ou no reconhecimento: ‘era uma vez...’ A filosofia não tem direitos; por isso, o homem moderno, se pelo menos fosse corajoso e consciencioso, teria de repudiá-la e bani-la. Mas a ela poderia restar uma réplica e dizer: ‘Povo miserável! É culpa minha se em vosso meio vagueio como uma cigana

pelos campos e tenho de me esconder e disfarçar, como se eu fosse a pecadora e vós, meus juízes? Vede minha irmã, a arte! Ela está como eu: caímos entre bárbaros e não sabemos mais nos salvar.”

(NIETZSCHE, F. *A Filosofia na época trágica dos gregos*. – aforismo 3. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 32 (Col. Os Pensadores).

- I. Nietzsche critica a filosofia de sua época, afirmando que ela afastou-se da vida, refugiando-se num universo de abstração e deduções lógicas, criando falsos dualismos, como o de corpo e alma, mundo e Deus, mundo aparente e mundo verdadeiro.
 - II. Em Sócrates, Nietzsche encontra o ideal de humanismo que irá definir sua filosofia como “estética de si”. O par conceitual, dionisíaco (Dionísio é o Deus da embriaguez da música e do caos) e apolíneo (Apolo é o Deus da luz, da forma, da harmonia e da ordem), mostra a herança socrática. Da luta e do equilíbrio final desses dois elementos opostos, surge o pensamento nietzschiano como saber da vida e da morte, como expressão do enigma da existência.
 - III. Kant e sua moral são alvos do “filosofar com o martelo” nietzschiano: o “imperativo categórico”, isto é, a lei universal que deve guiar as ações humanas, é para Nietzsche uma ficção que provém do domínio da razão sobre os instintos humanos, sendo a lei de um homem descarnado e cristianizado.
 - IV. A *vontade de potência* é um conceito-chave na obra de Nietzsche. Indica-nos as relações de força que se desenrolam em todo acontecer, assinalando seu método histórico. Assim, Nietzsche pensa o tempo de acordo com uma concepção própria, um tempo não linear, que se desenvolve em ciclos que se repetem – é o pensamento do *eterno retorno*, outro conceito-chave de sua obra.
- a) Apenas IV.
 - b) Apenas II e III.
 - c) Apenas II, III e IV.
 - d) Apenas I, II e IV.
 - e) Apenas I, III e IV.

Resposta:

[E] Todas as afirmativas estão claramente de acordo com o pensamento nietzschiniano, com exceção da II. Seu erro está em afirmar que Nietzsche se inspira em Sócrates, quando, na verdade, sua inspiração a respeito do dionisíaco e do apolíneo está na filosofia pré-socrática.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto 1

“Agora que as paixões acalmaram, volto à proibição do fumo em ambientes fechados, aprovada pela Assembleia Legislativa de São Paulo. Incrível como esse tema ainda gera discussões acaloradas. Como é possível considerar a proibição de fumar nos lugares em que outras pessoas respiram uma afronta à liberdade individual? As evidências científicas de que o fumante passivo também fuma são tantas e tão contundentes que os defensores do direito de encher de fumaça restaurantes e demais espaços públicos só podem fazê-lo por duas razões: ignorância ou interesse financeiro. Sinceramente, não consigo imaginar terceira alternativa’.

(VARELLA, Drauzio. “O fumo em lugares fechados”. *Folha de S.Paulo*, 25/04/2009.)

Texto 2

“Típico do espírito fascista é seu amor puritano pela ‘humanidade correta’ ao mesmo tempo em que detesta a diversidade promíscua dos seres humanos. Por isso sua vocação para ideia de ‘higiene científica e política da vida’: supressão de hábitos ‘irracionais’, criação de comportamentos ‘que agregam valor político, científico e

social'. O imperativo "seja saudável" pode adoecer uma pessoa. Na democracia o fascismo pode ser invisível como um vírus. Quer um exemplo da contaminação? Votemos uma lei: mesmo em casa não se pode fumar. Afinal, como ficam os pulmões dos vizinhos? Que tal uma campanha nas escolas para as crianças denunciarem seus pais fumantes?"

(PONDÉ, Luis Felipe. "O vírus fascista". *Folha de S.Paulo*, 22/09/2008.)

13. (Unesp 2010) De acordo com os dois textos, pode-se concluir que:
- a) a filosofia é uma área do conhecimento que compartilha dos mesmos critérios que a ciência.
 - b) no texto 2, o "amor puritano pela humanidade correta" é compatível com a "diversidade promíscua dos seres humanos".
 - c) segundo os dois autores, fumar ou não fumar é problema ético, não relacionado com políticas estatais de saúde pública.
 - d) para o autor do texto 2, inexistem critérios universais e absolutos que possam regular o comportamento ético dos indivíduos.
 - e) para os dois autores, a vida saudável é um imperativo a ser priorizado sob quaisquer circunstâncias.

Resposta:

[D] A leitura dos textos do Doutor Drauzio Varella sobre o fumo em lugares fechados e do filósofo Luis Felipe Pondé, sobre o vírus fascista, permite-nos uma reflexão sobre a moral. O conjunto de normas que orientam o comportamento humano tende sempre como base os valores próprios a uma dada comunidade ou cultura o que nos permite concluir ser correta a questão "D", uma vez que no espaço e no tempo, as comunidades humanas podem ser distintas umas das outras, o que origina códigos morais diferentes. Enquanto Doutor Drauzio não vê mais que duas alternativas possíveis - ainda que defendendo a proibição do fumo em lugares públicos - o filósofo Luis Felipe Pondé não crê num comportamento moral universal exatamente porque a ação moral somente tem sentido quando exercida na liberdade, ou seja, quando não há coação na prática de uma ação propiciando a capacidade humana de decidir com consciência entre o bem e o mal.

14. (Uenp 2009) Leia o fragmento:

"Tudo na natureza age segundo leis. Só um ser racional tem a capacidade de agir *segundo a representação* das leis, isto é, segundo princípios, ou: só ele tem uma *vontade*. Como para derivar as ações das leis é necessária a *razão*, a vontade não é outra coisa senão razão prática. Se a razão determina infalivelmente a vontade, as ações de um tal ser, que são conhecidas como objetivamente necessárias, são também subjetivamente necessárias, isto é, a vontade é a faculdade de escolher *só aquilo* que a razão independentemente da inclinação, reconhece como praticamente necessário, quer dizer bom".

(KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1995, p. 47.)

Assinale a alternativa correta:

- a) A ética kantiana tem os mesmos princípios da ética aristotélica, e por isso pode ser considerada eudemonista e utilitarista.
- b) Kant afirmava que o princípio da ação moral era o imperativo categórico, que poderia ser reduzido a seguinte assertiva: "...age de tal forma que a máxima de sua ação possa ser universal".
- c) Kant desenvolve uma ética do dever.
- d) No pensamento kantiano não existe qualquer distinção entre a lei ética, a lei física, a lei moral e a lei jurídica, porque todas possuem o mesmo princípio elementar de fundamento.

- e) O sistema proposto por Kant servirá de crítica para os teóricos posteriores que procuram defender a ideia de “ética mínima”.

Resposta:

[B] “A vontade é a faculdade de escolher *só aquilo* que a razão independentemente da inclinação, reconhece como praticamente necessário, quer dizer bom.” Para que a razão reconheça que algo é praticamente necessário, ela deve-se utilizar do imperativo categórico (“age de tal forma que a máxima de sua ação possa ser universal”), que se constitui em uma lei moral e em uma ética mínima baseada na capacidade racional do ser humano.

15. (Ueg 2009) Leia a citação abaixo:

“(...) Pois segundo essa lei, não poderia haver propriamente promessa alguma, já que seria inútil afirmar a minha vontade quanto às minhas futuras ações, pois as pessoas não acreditariam em meu fingimento, ou, se precipitadamente o fizessem, pagar-me-iam na mesma moeda. Portanto, a minha máxima, uma vez arvorada em lei universal, destruir-se-ia a si mesma necessariamente”.

KANT, Immanuel. *Fundamentos da metafísica dos costumes e outros escritos*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 13.

No texto citado acima o autor se refere

- a) à crítica da razão pura.
- b) ao conhecimento *a posteriori*.
- c) ao conhecimento *a priori*.
- d) ao imperativo categórico.

Resposta:

[D] A questão exige uma boa compreensão do texto do enunciado. Ele faz referência a uma máxima “arvorada em lei universal”. Com isso Kant procura demonstrar a impossibilidade de uma lei universal baseada, por exemplo, na mentira. Tal lei seria impossível, pois estaria em contradição com o imperativo categórico: “Age de tal modo que a máxima da tua ação se possa tornar princípio de uma legislação universal.”

16. (Ufmg 2008) Leia estes quadrinhos:



WATTERSON, Bill. *A vingança da babá*. Editora Best News, 1997. v. I, p. 78.

Kant estabelece que as ações das pessoas, para serem realmente éticas, devem pautar-se no seguinte princípio, denominado imperativo categórico:

“Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.”

Kant. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 224.

Redija um texto, relacionando as declarações do garoto Calvin ao imperativo categórico kantiano. Justifique sua resposta.

Resposta:

Existe uma contradição entre a ética defendida por Calvin (“os fins justificam os meios”) e o imperativo categórico kantiano. Segundo o filósofo alemão, a regra moral

deve ser guiada segundo o critério de universalização da ação. Desta maneira, uma conduta ética é aquela em que se todos agirem de determinada maneira em uma situação proposta, nenhum indivíduo será prejudicado. Haroldo, ao empurrar Calvin, demonstrou como a sua ética não poderia ser universalizável, uma vez que iria prejudicá-lo. É no sentido de evitar esse tipo de prejuízo que o imperativo categórico se constitui.

17. (Ufmg 2011) Leia estes dois trechos:

TRECHO 1

Em todas as épocas do pensamento, um dos mais fortes obstáculos à aceitação da Utilidade ou da Felicidade como critério do certo e do errado tem sido extraído da ideia de justiça.

MILL, John Stuart. *O Utilitarismo*. Tradução de Alexandre Braga Massella. São Paulo: Iluminuras, 2000. Cap. V, p. 69.

TRECHO 2

A justiça segue sendo o nome adequado para certas utilidades sociais que são muito mais importantes e, portanto, mais absolutas e imperativas do que quaisquer outras consideradas como classe (embora não mais do que outras possam sê-lo em casos particulares). Elas devem, por isso, ser protegidas, como de fato naturalmente o são, por um sentimento diferente não só em grau mas em qualidade, distinto, tanto pela natureza mais definida de seus ditames como pelo caráter mais severo de suas sanções, do sentimento mais moderado que se liga à simples ideia de promover o prazer ou a conveniência dos homens.

Ibidem, p. 94.

Com base na leitura desses dois trechos e considerando outros elementos presentes no capítulo citado da obra de Mill, responda:

- a) Qual é o obstáculo ao princípio de utilidade que, segundo o autor, tem sido extraído da ideia de justiça?
- b) Qual é o argumento utilizado pelo autor para enfrentar esse obstáculo e demonstrar que não há incompatibilidade entre as regras da justiça e o princípio da maior felicidade?

Resposta:

- a) O obstáculo é a ideia de justiça que é vista como um valor superior ao útil ou ao conveniente. Neste caso, a justiça tem de ser encarada como um senso natural, próprio do ser humano.
- b) Stuart Mill considera que a noção de justiça é um conjunto de componentes de ordem emocional como no caso do ser humano defender-se de um mal e racional que está estritamente fundamentada na ideia de justiça que acarreta aos seres humanos sentimentos mais intensos como a segurança, aspectos dos mais desejáveis.

18. (Unesp 2014) Tradição de pensamento ético fundada pelos ingleses Jeremy Bentham e John Stuart Mill, o utilitarismo almeja muito simplesmente o bem comum, procurando eficiência: servirá aos propósitos morais a decisão que diminuir o sofrimento ou aumentar a felicidade geral da sociedade. No caso da situação dos povos nativos brasileiros, já se destinou às reservas indígenas uma extensão de terra equivalente a 13% do território nacional, quase o dobro do espaço destinado à agricultura, de 7%. Mas a mortalidade infantil entre a população indígena é o dobro da média nacional e, em algumas etnias, 90% dos integrantes dependem de cestas

básicas para sobreviver. Este é um ponto em que o cômputo utilitarista de prejuízos e benefícios viria a calhar: a felicidade dos índios não é proporcional à extensão de terra que lhes é dado ocupar.
(Veja, 25.10.2013. Adaptado.)

A aplicação sugerida da ética utilitarista para a população indígena brasileira é baseada em

- a) uma ética de fundamentos universalistas que deprecia fatores conjunturais e históricos.
- b) critérios pragmáticos fundamentados em uma relação entre custos e benefícios.
- c) princípios de natureza teológica que reconhecem o direito inalienável do respeito à vida humana.
- d) uma análise dialética das condições econômicas geradoras de desigualdades sociais.
- e) critérios antropológicos que enfatizam o respeito absoluto às diferenças de natureza étnica.

Resposta:

[B]

[Resposta do ponto de vista da disciplina de Sociologia]

Somente a afirmativa [B] está correta. A utilização da concepção utilitarista para criticar a posse de terra por parte dos índios brasileiros se dá por uma opção ideológica, que simplifica questões subjetivas e históricas (como a noção de felicidade) em índices estatísticos (como o de mortalidade infantil), de forma a tentar mensurar os custos e os benefícios de determinado direito social.

[Resposta do ponto de vista da disciplina de Filosofia]

A alternativa [B] é a correta, pois a questão central abordada, esta centrada no utilitarismo. Esta corrente de pensamento desconsidera, em sua análise, as consequências “menores”, ou em outras palavras a “menor porção de felicidade” gerada pelas escolhas em comparação com a eficiência daquilo que se propõe. No caso do problema indígena, a justificativa para rever a questão do assentamento destas populações, tendo como base a ética utilitarista, verifica-se que esta ética utiliza um comparativo entre a proporção de terras cedidas aos indígenas, utilizando a agricultura como referencial e a elevação dos casos de mortalidade, havendo ainda assim, a necessidade de mais intervenção do Estado para garantir condições de vida aos índios. As demais alternativas não abordam o tema central do utilitarismo que é o aumento felicidade da população em relação a um menor sofrimento. Desta maneira, pode-se justificar ideologicamente a revisão dos assentamentos, com base de que isto não esta proporcionando melhoria na qualidade de vida dos índios.

19. (Unioeste 2011) “O utilitarismo é um tipo de teoria teleológica (de *telos* que, em grego, significa “fim”) ou consequencialista porque sustenta que a qualidade de um ato/regra de ação é função das consequências produzidas pelo ato/regra em questão. O utilitarismo de atos estatui que uma ação é correta se sua realização dá origem a estados de coisas pelo menos tão bons quanto aqueles que teriam resultados de cursos alternativos de ação. O utilitarismo de regras ensina que são corretas as ações que se conformam a regras de cuja observância geral resulta um estado de coisas pelo menos tão bom quanto o resultante de regras alternativas. (...) Para o consequencialismo, o bem é logicamente anterior ao correto, no sentido de que nenhum critério de correção pode ser estabelecido antes que uma concepção de bem tenha sido delineada. (...) Para o utilitarismo, o bem é a utilidade ...”

M. C. M. de Carvalho.

Com base no texto, seguem as seguintes afirmativas:

- I. Na concepção moral utilitarista, é necessário, nos juízos morais, levar em consideração as consequências resultantes das ações praticadas.

- II. Para o utilitarismo de regras, são consideradas boas as ações conforme a regras cuja observância resulta num estado de coisas tão bom, ou melhor, do que o estado de coisas resultante de regras alternativas.
- III. Na concepção ética utilitarista, o princípio fundamental é o princípio da utilidade.
- IV. Na concepção ética utilitarista, nenhum critério de correção no agir moral pode ser estabelecido com base numa determinada concepção de bem.
- V. Há, em termos morais, apenas, uma única concepção utilitarista, por esta ser uma concepção moral deontológica.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas I e IV estão corretas.
b) Apenas II e IV estão corretas.
c) Apenas IV e V estão incorretas.
d) Apenas III e IV estão corretas.
e) Todas as afirmativas estão incorretas.

Resposta:

[C] A moral utilitarista se baseia no critério de utilidade, que diz respeito às consequências das ações praticadas, que devem ser as melhores possíveis. Nesse sentido, não se pode dizer que não há concepção de bem para o utilitarismo (dado que o bem é a utilidade), nem que ela está relacionada com a noção de dever em uma moral deontológica.

20. (Unesp 2014) **Texto 1**

Você quer ter boa saúde e vida longa para você e sua família? Anseia viver num mundo onde a dor, o sofrimento e a morte serão coisas do passado? Um mundo assim não é apenas um sonho. Pelo contrário, um novo mundo de justiça logo será realidade, pois esse é o propósito de Deus. Jeová levará a humanidade à perfeição por meio do sacrifício de resgate de Jesus. Os humanos fiéis viverão como Deus queria: para sempre e com saúde perfeita.

(A *Sentinela*, dezembro de 2013. Adaptado.)

Texto 2

Assim, tenho de contradizê-lo quando prossegue argumentando que os homens são completamente incapazes de passar sem a consolação da ilusão religiosa, que, sem ela, não poderiam suportar as dificuldades da vida e as crueldades da realidade. Sem a religião, terão de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente. Mas não há dúvida de que o infantilismo está destinado a ser superado. Os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a “vida hostil”. Podemos chamar isso de “educação para a realidade”.

(Sigmund Freud. *O futuro de uma ilusão*, 1974. Adaptado.)

Comente as diferenças entre os dois textos no tocante à religião.

Resposta:

O texto 1 aborda a questão da religião transmitindo tranquilidade ao ser humano ao propor um caminho que os conduzirá rumo à satisfação de todas suas necessidades. A condição necessária para isto é a adesão a Deus, ou seja, a fidelidade a Deus garantirá uma vida feliz para aqueles que resolveram ser submissos a Ele.

No texto 2 o psicanalista Sigmund Freud apresenta uma argumentação que o discurso religioso é um discurso que se fundamenta nos sentimentos, desejos e ilusões do ser humano. Para Freud o discurso religioso apela para a infância, à falta

de maturidade, falta de autonomia intelectual e afetiva. Neste sentido, as ilusões em relação a uma melhor condição de vida repousam sobre uma mística no qual a razão é deixada de lado. O texto 1 coloca que a satisfação dos desejos serão plenamente atendidos caso nos submetamos a uma “providência” maior, onde poderemos ter saúde, justiça e uma vida digna sem termos de nos responsabilizar pelas escolhas que fizermos. Já no texto 2, Freud propõe que o desenvolvimento da maturidade deve ser fruto de uma “educação para a realidade”, ou seja, uma educação que coloque o homem de posse de si, sendo racional para a compreensão de suas condições e que seja integralmente responsável pela satisfação dos seus desejos e aspirações, assumindo as consequências de suas decisões.

21. (Enem 2016) Vi os homens sumirem-se numa grande tristeza. Os melhores cansaram-se das suas obras. Proclamou-se uma doutrina e com ela circulou uma crença: Tudo é oco, tudo é igual, tudo passou! O nosso trabalho foi inútil; o nosso vinho tornou-se veneno; o mau olhado amareleceu-nos os campos e os corações. Secamos de todo, e se caísse fogo em cima de nós, as nossas cinzas voariam em pó. Sim; cansamos o próprio fogo. Todas as fontes secaram para nós, e o mar retirou-se. Todos os solos se querem abrir, mas os abismos não nos querem tragar!

NIETZSCHE. F. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.

O texto exprime uma construção alegórica, que traduz um entendimento da doutrina niilista, uma vez que

- a) reforça a liberdade do cidadão.
- b) desvela os valores do cotidiano.
- c) exorta as relações de produção.
- d) destaca a decadência da cultura.
- e) amplifica o sentimento de ansiedade.

Resposta:

[D] O niilismo de Nietzsche é acompanhado por uma profunda crítica à cultura e à filosofia moderna. Na ausência de esperança, o que resta ao homem ocidental é dar-se conta de sua finitude, tal como apresenta a alegoria do texto da questão.

22. (Enem 2015) A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: *Tudo é um*.

NIETZSCHE. F. Crítica moderna. In: *Os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural. 1999

O que, de acordo com Nietzsche, caracteriza o surgimento da filosofia entre os gregos?

- a) O impulso para transformar, mediante justificativas, os elementos sensíveis em verdades racionais.
- b) O desejo de explicar, usando metáforas, a origem dos seres e das coisas.
- c) A necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes.
- d) A ambição de expor, de maneira metódica, as diferenças entre as coisas.
- e) A tentativa de justificar, a partir de elementos empíricos, o que existe no real.

Resposta:

[C] Pode-se dizer que a filosofia grega, em seu início, esteve preocupada com a origem das coisas, em especial da natureza. É essa uma das características que Nietzsche diagnostica e que está bem destacada na afirmativa [C].

23. (Ufu 2015) No livro de 1872, *O nascimento da tragédia*, Nietzsche dizia a respeito de Sócrates e Platão:

Aqui o *pensamento filosófico* sobrepassa a arte e a constrange a agarrar-se estreitamente ao tronco da dialética. No esquematismo lógico crisalidou-se a tendência *apolínia*: como em Eurípides, cumpre notar algo de correspondente e, fora disso, uma transposição do *dionisíaco* em afetos naturalistas.

NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*, helenismo e pessimismo. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 89 – grifos do autor.

Considerando o comentário de Nietzsche,

- a) descreva as duas forças antagonicas: *apolínia* e *dionisíaco*.
- b) explique em que o pensamento filosófico difere da atividade artística.

Resposta:

a) Nietzsche recorre a mitologia grega para caracterizar a arte na trágica na Grécia. Sendo assim, Dionísio representa a embriaguez, os instintos, o comportamento desmedido e as ações motivadas pela emoção. Apolo representa a sobriedade, a ordem, o equilíbrio, a harmonia e a razão. Estas forças representam antagonicamente a tensão artística sendo que ambas se complementam e não existem por si só, mas somente em conjunto. Desta maneira, a arte é composta pela tensão entre estas forças.

b) A separação de Nietzsche se faz clara para ele na relação entre filosofia e arte. Para o pensador a filosofia é representada pela figura de Apolo (sobriedade, ordem, equilíbrio, harmonia e razão) enquanto que a arte é representada pela figura de Dionísio (embriaguez, instintos, comportamento desmedido e ações motivadas pela emoção). Desta maneira, o conhecimento filosófico representa uma atividade pautada pelo uso da razão, já a atividade artística é pautado pelo uso dos instintos e emoção.

24. (Ufsj 2013) “A Filosofia a golpes de martelo” é o subtítulo que Nietzsche dá à sua obra *Crepúsculo dos ídolos*. Tais golpes são dirigidos, em particular, ao(s)

- a) conceitos filosóficos e valores morais, pois eles são os instrumentos eficientes para a compreensão e o norteamento da humanidade.
- b) existencialismo, ao anticristo, ao realismo ante a sexualidade, ao materialismo, à abordagem psicológica de artistas e pensadores, bem como ao antigermanismo.
- c) compositores do século XIX, como, por exemplo, Wolfgang Amadeus Mozart, compositor de uma ópera de nome “Crepúsculo dos deuses”, parodiada no título.
- d) conceitos de razão e moralidade preponderantes nas doutrinas filosóficas dos vários pensadores que o antecederam e seus compatriotas e/ou contemporâneos Kant, Hegel e Schopenhauer.

Resposta:

[D] O indivíduo soberano, diz Nietzsche, deve livrar-se da moralidade, das coerções sociais. Um indivíduo assim se move de acordo com o seu instinto e sua natureza; ele não se submete à consciência que reprime seus impulsos desiderativos. O soberano se livra da consciência destruindo sua memória e alcança a liberdade através do esquecimento. Com marteladas, a ética pode ser fundada com o esquecimento do moralismo.

25. (Ufsj 2013) Ao declarar que “a moral e a religião pertencem inteiramente à *psicologia do erro*”, Nietzsche pretendeu

- a) destruir os caminhos que “a psicologia utiliza para negar ou afirmar a moral e a religião”.
- b) criticar essa necessidade humana de se vincular a valores e instituições herdadas, já que “o Homem é forjado para um fim e como tal deve existir”.
- c) denunciar o erro que tanto a moral quanto a religião cometem ao confundir

- “causa com efeito, ou a verdade com o efeito do que se considera como verdade”.
- d) comprovar que “a moral e a religião estão no imaginário coletivo, mas para se instalarem enquanto verdade elas precisam ser avalizadas por uma ciência institucionalizada”.

Resposta:

[C] O erro da confusão de causa e consequência está em toda tese formulada pela moral e pela religião, quer dizer, a razão doente considera erroneamente que o precedente está antes do precedente, por exemplo, a causa da felicidade é a vida virtuosa – diz a moral e a religião –, quando, ao contrário, a felicidade mesma é quem permite o sujeito agir virtuosamente.

26. (Ufsj 2013) Na filosofia de Friedrich Nietzsche, é fundamental entender a crítica que ele faz à metafísica. Nesse sentido, é **CORRETO** afirmar que essa crítica
- a) tem o sentido, na tradição filosófica, de contentamento, plenitude.
- b) é a inauguração de uma nova forma de pensar sem metafísica através do método genealógico.
- c) é o discernimento proposto por Nietzsche para levar à supressão da tendência que o homem tem à individualidade radical.
- d) pressupõe que nenhum homem, de posse de sua razão, tem como conceber uma metafísica qualquer, que não tenha recebido a chancela da observação.

Resposta:

[B] O método genealógico de Nietzsche impõe em última instância que nada é sagrado, isto é, nada é separado deste mundo e tudo possui uma origem artificial e artificiosa. Desse modo, não há maneira de afirmar nenhuma espécie de transcendental; tudo possui uma origem imanente e se afirma a si mesmo. A genealogia expõe essas origens e desmascara os dogmatismos disfarçados de verdade última que desvela a realidade do mundo.

27. (Unesp 2013) Texto 1

O ser humano é a flor do céu que desabrochou na Terra. Sua semente foi plantada por Deus, sua bela imagem foi projetada por Deus e seu perfume agradável foi também presenteado por Deus. Não devemos perder essa bela imagem nem o agradável perfume. Nosso belo desabrochar é a manifestação da glória de Deus. (Seicho-no-ie do Brasil. *Palavras de luz*, 2013.)

Texto 2

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza, congelou-se o astro e os animais inteligentes tiveram de morrer. – Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. Houve eternidades em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido.

(Friedrich Nietzsche. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. Adaptado.)

Os textos citados apresentam concepções filosóficas distintas sobre o lugar do ser humano no universo. Discorra brevemente sobre essas diferenças, considerando o teor antropocêntrico dos textos.

Resposta: A principal distinção entre as concepções (uma religiosa e a outra filosófica) é a antropologia que cada uma propõe. A primeira oferece uma noção de

homem gloriosa: “nosso belo desabrochar é a manifestação da glória de Deus”; a segunda oferece uma noção de homem niilista: “houve eternidades em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido”. A primeira é totalmente antropocêntrica, já a segunda nega tal centralidade. A primeira é problemática, pois exalta o homem com uma euforia viciante e possibilita em contrapartida um egoísmo nocivo capaz de ofuscar questões importantes. A segunda é problemática, pois nega totalmente um sentido para a existência e priva o sujeito de motivação. Todavia, ambas abrem possibilidades; a primeira oferece a construção de uma vida em harmonia com a glória de Deus, e a segunda oferece a possibilidade de fortalecimento do homem enquanto quem constrói conscientemente o mundo a partir da sua liberdade inexplicável natural.

